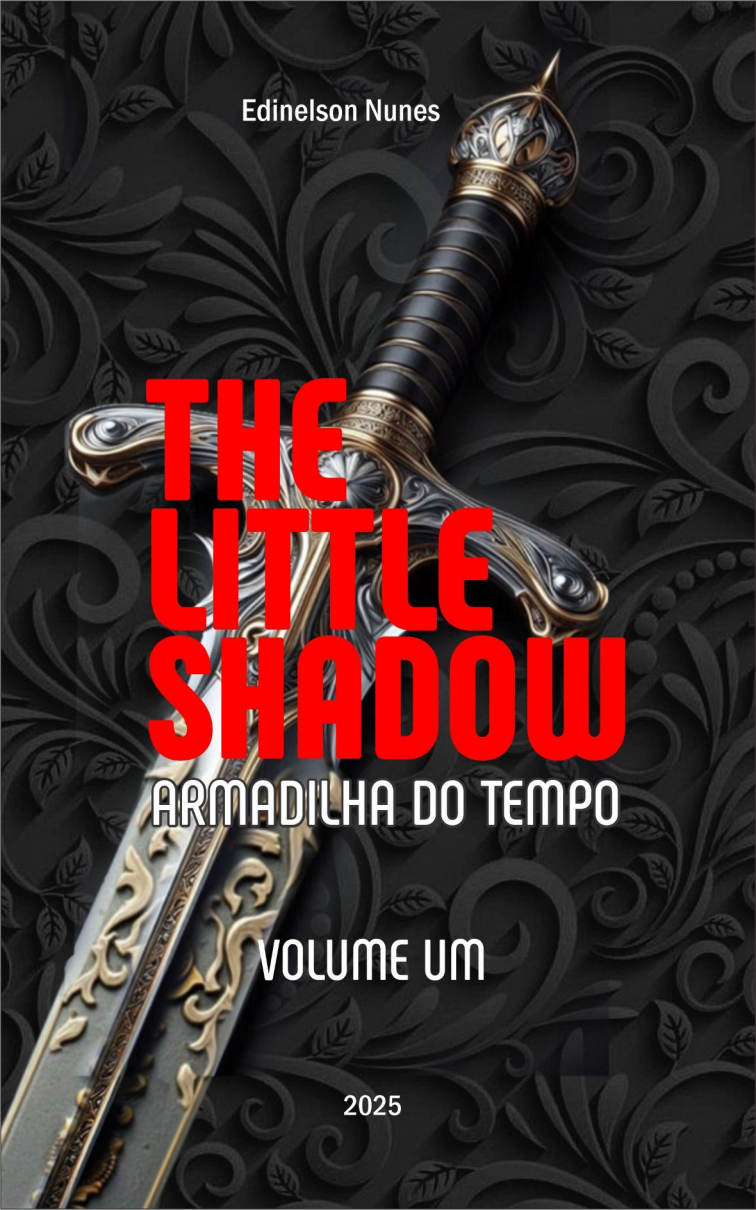




Edinelson Nunes

THE LITTLE SHADOW

ARMADILHA DO TEMPO

VOLUME UM

2025

Edinelson Nunes

**THE
LITTLE
SHADOW**

ARMADILHA DO TEMPO

VOLUME UM

2025

Ficha Técnica

COPYRIGHT © Edinelson Carlos Cordeiro
Nunes, 2025.

(Todos os direitos desta edição reservados ao autor da obra)

Grafia atualizada segundo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Proibida a reprodução, em qualquer meio, em parte ou em totalidade desta obra, sem a prévia autorização do autor.

Editor: Edinelson Nunes.

Design editorial (capa e miolo): EdinNunes.

Revisão: Edinelson Nunes

Imagens: Banco de imagens

<https://br.pinterest.com/>

Cód. ISBN: 978-65-01-87153-0



Sumário

PREFÁCIO

THE LITTLE SHADOW:

ARMADILHA DO TEMPO

01 - LAMA E NOBREZA

02 - O HERDEIRO DO FUTURO

03 - SEGREDO DE SANGUE

04 - A TAVERNA

05 - A PEQUENA LADRA

06 - ACOMPANHANTE DE RISCO

07 - ACORDO NO ESTÁBULO

08 - LIMPANDO OURO

09 - BATALHA INTERNA

10 - ARMADILHA DO CORAÇÃO

11 - O CHAMADO

12 - O PESO DA VERDADE

13 - A PROVA DO FUTURO

14 - NASCE UMA ESPERANÇA

15 - BELEZA REVELADA

16 - A NOITE DO LOBISOMEM

17 - O LOBO ALFA E O LACRE
ROMPIDO

18 - A VELHA ÉGUA

19 - CONEXÃO FRANCESA

20 - A INSACIÁVEL SEDE DA MORTE

21 - A EMBOSCADA

22 - TABULEIRO SANGRENTO

23 - O COLOSSO CAIU

24 – BATISMO NA ÁGUA

25 - MANCHESTER

26 - O BANQUETE DAS ALMAS

27 - O CÓDICE TÁRTARO

28 - A TRINCA DE ESPIÕES

29 - ECO DO DESTINO

30 - SALTO PARA O FUTURO

VEJA NA PRÓXIMA EDIÇÃO



“... você está sentada sobre minha
'espada' e ela tem vida própria...”

PREFÁCIO

Unir fatos e personalidades históricas reais a eventos e personagens fictícios é um desafio imenso. Criar um universo que funde tecnologia inexistente, mitologia fantástica e viagens temporais começou como uma simples divagação de um dia de tédio — e, para minha própria surpresa, superou minhas próprias expectativas.

Sou Edinelson Nunes, autor e alter ego de EdiNuñez: um navegante espanhol, não dos mares, mas do tempo, como ele mesmo revela ao final deste Primeiro Volume.

Esta obra é um convite ao público adepto dos gêneros literários romance de fantasia e sci-fi de ação. Carrego vários volumes já roteirizados e desenvolvidos, de todos eles, quatro volumes estão prontos para serem entregues ao mundo, à espera que o leitor se deixe seduzir por esta jornada.

Para quem acredita que o advento das inteligências generativas destruiu a

criatividade humana, minha resposta é simples: depende do usuário. Não sou hipócrita, utilizo IA, não para gerar meus roteiros, mas como ferramenta de pesquisa sobre fatos, locais e personagens reais do passado, além de auxílio no refinamento e na organização textual. Tudo dentro de cada volume é fictício; a história real serve apenas como pano de fundo, cor, textura, ruído ambiente. Esse uso consciente garante ao leitor a dinâmica e a coesão que a narrativa moderna exige; afinal, um fluxo mal construído é o primeiro passo para o desinteresse.

Quando concebi este Volume 01 como episódio para uma plataforma digital de webstories, decidi que o protagonista seria um reflexo de mim mesmo. Aquela semente germinou com tamanha força que, de uma de suas folhas, brotou Livy, uma ladra de rua que, com sua beleza e carisma naturais, não conquistou apenas o coração do viajante: roubou o próprio protagonismo da trama. Para Ed, tornar-se sua sombra

(shadow), foi um ato de entrega, de rendição total.

Você verá neste volume inicial, como o resgate de um Codex se torna ato de sobrevivência em um jogo de sombras. O destino da Revolução Francesa será potencializado se o artefato cair nas mãos do General Corso, antecipando a tirania para 1798. Mergulhado em espionagem, conspiração e o tilintar de espadas, Ed encontra Livy, a Pequena Sombra: uma ladra de rua na lama fria de Rochdale, no noroeste da Inglaterra. Uma união improvável, é o futuro resgatando do passado um amor destinado a ecoar através das eras.

A tecnologia distópica se choca com a história bruta, uma luta pela sobrevivência da jovem marcada para morrer. Acompanhe o despertar de uma saga épica onde a coragem é a única bússola e os portais dimensotemporais são muito mais do que entradas e saídas. Até onde você iria para consertar o que o tempo quebrou? O destino

não espera, e a contagem regressiva começa agora. O primeiro passo desta descoberta está em suas mãos.

Um recado aos navegantes: este livro não tem a pretensão de polemizar ou polarizar conceitos. É uma obra de ficção voltada ao público adulto, com cenas de violência e conotação sexual, portanto, vetada ao público infantojuvenil. Nada aqui é literal, exceto a paixão depositada em cada página, onde o irreal e o fantasioso imperam.

Boa leitura.

O autor.



"Quero ver o que se
esconde debaixo de tanta sujeira"

THE LITTLE SHADOW:

ARMADILHA DO TEMPO

VOLUME UM

01 - LAMA E NOBREZA

O ano é 1798. Rochdale, Inglaterra.

A névoa não apenas encobria a vila; ela a sufocava, transportando um hálito espesso de carvão queimado e o odor acre de uma nação que apodrecia de dentro para fora. Ainda não era noite, mas o crepúsculo em Rochdale nascia morto, sepultado sob nuvens de chumbo que vertiam uma chuva fina e intermitente, uma agulha fria que insistia em castigar a pele. As ruas de terra batida haviam desistido de sua forma, transformando-se em um estuário de lama viscosa e escura, onde cada passo era uma luta contra a sucção do solo. Nem os cães vadios, acostumados à miséria, ousavam abandonar seus esconderijos sob as carroças quebradas, sequer para latir.

Nesse cenário de desolação, um cavaleiro solitário avançava. O animal, exausto, patinava no lodo enquanto o homem mantinha um pano cobrindo suas narinas — uma barreira inútil contra a mistura pútrida de fumaça de chaminé, suor animal e o fedor cadavérico dos dejetos industriais que o rio Roch carregava dos cortumes próximos. Ele era uma sombra movendo-se em direção à única taverna que já mantinha uma lanterna oscilante acesa, um farol de malte e segredos em um mundo onde a luz era um luxo esquecido.

O isolamento de Rochdale era um disfarce perfeito para a ferida política aberta. Enquanto a Europa se retorcia sob as botas de Napoleão Bonaparte, que então estendia suas garras sobre as areias do Egito, a Grã-Bretanha havia se tornado um imenso ninho de espões e traidores. O governo via na construção dos canais não apenas uma obra de engenharia, mas a própria espinha dorsal da sobrevivência britânica. Esses canais eram as veias por onde correria o

carvão e o ferro para alimentar as fábricas de guerra; sem eles, a economia pararia. Por isso, cada estalagem tornara-se um centro de conluíus e cada viela escura abrigava olhos franceses interessados em sabotar essa infraestrutura vital para paralisar o ímpeto da Revolução Industrial inglesa.

Napoleão, o "General Corso", estava possuído por uma obsessão que transcendia mapas e territórios: ele ambicionava obter para si a linhagem dos Césares. Seus olhos não miravam apenas o Nilo, mas o que se ocultava sob as areias. Ele não precisava ter poderes metafísicos para pressentir que o Delta guardava chaves para segredos antigos — segredos que nas escavações do ano seguinte revelariam a Pedra de Roseta, um mapa linguístico para relíquias de poder absoluto. Para Bonaparte, a França não seria apenas um país, mas o herdeiro legítimo do domínio eterno dos faraós e imperadores romanos.

Enquanto o general francês colecionava vitórias fulminantes nas

planícies da Itália, humilhando os austríacos e redesenhando o mapa mediterrâneo, a Bretanha sangrava por todos os poros. O Rei George III, já assombrado por devaneios da própria mente, via sua monarquia constitucional ser corroída por lutas partidárias internas. A vitória de Nelson na Batalha do Nilo em Abukir trouxera um respiro, mas o custo era asfixiante. Manter o bloqueio naval e sufocar a sangrenta revolta na Irlanda exauria o ouro e homens. O país era uma fratura exposta.

A crise financeira de 1797, que forçou o Banco da Inglaterra a suspender pagamentos em espécie, criou uma ferida pútrida na sociedade. Das periferias de Londres aos vilarejos mais longínquos, a fome era uma presença física, uma dor constante que roía as entranhas dos operários. Os pobres viam seus filhos serem levados para morrer em terras distantes, apenas para que seus corpos fossem adubo para o expansionismo de outros. Enquanto isso, a nobreza permanecia intocada em seus

salões dourados, protegida pela névoa do Romantismo emergente que tentava poetizar a miséria à sua volta. A maldade dos ricos era silenciosa e refinada, um contraste obscuro com o cheiro de suor, urina e desespero que escorria na lama de onde os desvalidos buscavam abrigo.

A virada para o século XIX não acenava com esperança, mas com a ameaça de um eclipse total. Se o exército francês, fortalecido pelos saques na Itália e pelo misticismo egípcio, decidisse atravessar o canal, a Grã-Bretanha deixaria de ser uma potência para se tornar uma nota de rodapé na história de Napoleão. A Inglaterra estava por um fio de seda, que se rompido, traria ainda mais caos e desespero. Ninguém sabia, mas a única esperança desse cenário sombrio não se concretizar, estava no cavalo que se aproximava de seu destino.

02 - O HERDEIRO DO FUTURO

É neste tabuleiro de sombras espessas e conspirações letais que emerge a figura de

EdiNuñez, ou simplesmente Ed para os amigos. Ele era um homem de muitas faces e pátrias, moldando sua identidade conforme a conveniência do terreno que pisava, mas aqui, sob o céu carregado de Rochdale, ele reivindicava sua herança espanhola. Não era um disfarce completo, mas uma verdade conveniente: seu sangue carregava a ascendência direta da era de Carlos I — o imperador cuja mão de ferro unificou os reinos de Castela e Aragão em 1516, forjando o que o mundo passaria a temer como o Império Espanhol. O sobrenome Nuñez não era apenas um registro, mas um eco persistente de um ramo dissidente da nobreza que, séculos antes, tomara a decisão pragmática de jurar lealdade absoluta a Castela, rompendo com o misticismo libertador e perigoso dos Nunos, seus primos em solo português. Ed era o último remanescente de uma árvore genealógica cujas raízes estavam cravadas em glórias imperiais, mas seus frutos foram amadurecidos por uma tragédia tecnológica

que nenhum historiador daquela época seria capaz de documentar ou compreender.

No entanto, por trás da herança castelhana, Ed era, por nascimento e direito, um cidadão do Novo Mundo. Suas raízes americanas foram plantadas por seus avós, Mateo Nuñez e Isabella Corderö, que em 2010 — ainda com o frescor do matrimônio na pele — atravessaram o Atlântico fugindo de uma Europa que já exalava os primeiros sinais de uma exaustão sistêmica e irreversível. Era algo que nem a ciência, nem a história conseguiam explicar: um eterno gosto pela desgraça, pelo fogo e pelo sangue; um impulso obscuro de autodestruição que se manifestava através de guerras cíclicas impiedosas.

O único fruto dessa migração, Santiago Nuñez, nasceu em 2011, carregando um intelecto que desafiava as métricas comuns. Aos dezessete anos, em 2028, Santiago não apenas ingressou no prestigioso MIT (Massachusetts Institute of Technology), mas devorou seus currículos

com uma voracidade que o levou à graduação em Tecnologia da Informação aos vinte e um anos. Obrigado por uma força atávica e inevitável de sobrevivência, cruzou com seus pais o oceano de volta ao solo de seus antepassados, não para o ócio, mas para cumprir um ritual inegociável imposto pelo continuísmo: consolidar uma união de sangue com Eleonora D'Agneli, uma herdeira de linhagem real da Casa de Calábria, na Itália. Era um arranjo de poder que ainda persistia, como uma lei silenciosa e absoluta entre as casas da alta nobreza.

Antes de regressar à América em 2032 para dar início à sua trajetória profissional, Santiago mergulhou em uma lua de mel que era, na verdade, um rito de descoberta. Era preciso decifrar Eleonora, a mulher que agora carregava seu nome, e ela conhecê-lo como marido, pois ambos haviam se visto pela primeira vez, literalmente no altar. Mas o sangue latino não se dilui pela distância, nem perde seu furor por ter brotado em solo americano; ele permanece sendo uma

bússola guiada por emoções cruas, pelo calor de quem é herdeiro de uma paixão incurável pela vida. É a intensidade que transborda no gesto largo das mãos italianas e no olhar profundo do povo espanhol. Trata-se de uma linhagem que desconhece o meio-termo: ou se ama com o fogo que consome, ou se luta com a alma que não recua. É o sangue dos poetas que transformam a dor em arte, e dos navegantes que redesenharam o mapa do mundo com o fio da espada e a audácia da fé.

Ao atravessar o Atlântico para iniciar a nova vida, já estavam apaixonados um pelo outro, mas o destino preparava o golpe final. Em menos de um ano, em 2033, o mundo acabou... não em uma explosão de fogo, mas no colapso silencioso e absoluto das estruturas da civilização.

O "Marco Zero" catastrófico não foi apenas um evento global; foi o carrasco do clã Nuñez. No exato instante do colapso, o marcapasso que sustentava o coração de Mateo parou, e junto com ele, também

milhões de outras vidas se perderam igualmente de forma abrupta, todos por inércia dos aparelhos que lhes sustentavam a vida, seja em casa, nas ruas ou nos hospitais. Isabella, incapaz de processar um mundo sem o seu grande amor, partiu poucos meses depois; morreu de saudade e desgosto, um mal antigo que nem a medicina do futuro pôde curar, ou sequer entender.

03 - SEGREDO DE SANGUE

Enquanto o mundo ruía na insanidade dos conflitos urbanos, Santiago dedicou-se a recuperar o que se perdeu. Não havia como trazer seus pais de volta, porém, jurou que construiria um novo recomeço para ele e Eleonora a partir dos fios e cabos dispersos no seu laboratório particular no Rancho Nevado — sua residência afastada dos conflitos existenciais que destruíam um mundo que nada tinha de civilizado. Decidiu se dedicar integralmente a desenvolver uma nova tecnologia em segredo, substituindo o obsoleto sistema (1+0) binário. O novo

projeto, baseado no elemento Gálio, projetava uma nova equação, o $(1+1=1)$, ou seja, o futuro opera no “Protocolo de Fusão”. Nele, o “Zero”—a ausência / o nada — é anulado. A informação só é validada quando dois átomos de dados se fundem, gerando uma unidade absoluta e inquebrável. É a matemática do amor aplicada à escala global para ligar dois pontos distintos, fundindo-os em “uno”, uma ideia que iniciou ainda na Academia; uma revolução que prometia subverter as leis da física e da comunicação.

O laboratório, oculto sob as fundações de pedra do rancho, tornou-se o berço dessa nova era. Santiago passava noites em claro, inicialmente buscando recuperar um velho gerador de energia movido a diesel, iluminado apenas pelo brilho tênue de um lampião a querosene. Sem energia elétrica, não havia como reativar seus projetos armazenados nos discos rígidos de seus computadores que hibernavam como bactérias no *permafrost*, no aguardo de

serem trazidos à vida. Sua mente aguardava o que apenas suas mãos podiam realizar. Ele não buscava trazer de volta o que o "Marco Zero" quebrou; ele buscava algo que a humanidade havia perdido nas cinzas: a capacidade de transcender a própria presença física no espaço. Cada falha, cada curto-circuito recuperado no protótipo, era um tributo silencioso à memória de seus pais, Mateo e Isabella — uma tentativa desesperada de provar que o gênio humano poderia sobreviver ao colapso das máquinas.

O rancho, sua herança material, antes da catástrofe, era uma fazenda que industrializava a produção de leite bovino e seus derivados, com vacas leiteiras cuidadas com zelo extremo através de máquinas modernas que processavam de forma automática os lácteos. A mão de obra humana servia apenas para um controle mínimo de supervisão em cada setor. Obrigatoriamente o processo todo parou; manter-se isolado era questão de sobrevivência.

O silêncio das máquinas de ordenha, outrora ritmado e produtivo, foi substituído pelo ruído intermitente dos grilos e de outros insetos que, junto das aranhas, se apossaram dos maquinários, agora protegidos, cobertos por lonas plásticas. Do lado externo, restava apenas o som do vento soprando nas pastagens abandonadas e o mugido baixo dos poucos animais que agora dependiam do esforço braçal de Santiago e de sua jovem esposa Eleonora. O luxo da automação tornara-se uma relíquia empoeirada. Eles tiveram que aprender a rusticidade da terra para manter seus estômagos cheios, enquanto sua mente operava no limite do impossível. Foi nesse isolamento forçado, entre o cheiro do feno úmido e a complexidade dos circuitos integrados, que Santiago teceu a rede de proteção que manteria sua família invisível aos olhos de uma nova governança que se erguia das ruínas.

Após nove anos de incertezas e angústias, já sob um novo regime estatal, o

nosso herói EdiNuñez nasceu, em 2041. Mas... como assim ele nasceu em 2041? O que faz ele em 1798? Calma! Eu, o Edinelson Nunes narrador, de propósito fiz parecer que cometia um erro de continuísmo em datas, mas levei você, leitor, exatamente onde queria deixar, no ponto onde a matéria se dobra e nada é o que parece ser. O tempo nesta história não é uma reta linear, mas um tecido que pode ser vergado no momento certo para baixo, jamais para cima, onde ele corre diferente — um segredo costurado e calibrado por Santiago Nuñez, um legado bem mais profundo que a linhagem de sangue que corre nas veias do cavaleiro que agora chega ao seu destino — algo que Santiago sacrificou com sua vida e a de sua esposa para proteger e que jamais poderá cair em mãos erradas.

04 - A TAVERNA

O período invernal em tempos de guerra traz consigo mais que o frio cortante; traz doenças como a varíola, que se

proliferava feito gafanhotos famintos nas lavouras de trigo, e todos, do camponês ao lorde, estavam expostos à sua carícia mortal. EdiNuñez se aproxima e, mesmo do lado de fora da taverna, já ouve a cantoria ébria da horda de bêbados, valentões e larápios que se acotovelam lá dentro. Eles disputam canecas sebosas com uma cerveja que mais parece mijo de cavalo e vinhos de qualidade duvidosa, o barulho da algazarra servindo como um manto que encobre o som dos cascos do cavalo do viajante sobre a lama.

A companhia ali dentro é torpe. O odor de hálitos pútridos, misturado ao bafo pesado de cigarros de rolo e ao ranço da bebida barata, é de dar náusea a quem não tenha estômago forte. Mas ali, em uma vila esquecida na fria região noroeste, a um dia de cavalgada de Manchester... quem se importa com a higiene ou com a alma? Ed chega à entrada. Ao saltar do animal, suas botas afundam no lodo viscoso, espirrando lama escura contra as paredes de pedra úmida. Ele amarra o cavalo pelo arreio a um

poste lateral e empurra a porta de madeira pesada com um baque seco. O *shopkeeper bell* soa, um tinido metálico e agudo que anuncia a entrada do estranho.

O riso e a algazarra cessam no mesmo instante, cortados como por uma navalha. Todos os olhares cobiçosos e carregados de suspeita se voltam para o homem que adentra o recinto, completamente indiferente ao escrutínio alheio. Visivelmente, o forasteiro é um estrangeiro e, em Rochdale, não ser dali significa, por decreto silencioso, não ser bem-vindo. EdiNuñez não evita os olhares por receio, mas simplesmente porque não tem interesse em ninguém naquele recinto imundo, além do mal-encarado *barman* que, atrás do balcão, limpa o buraco do nariz com algo mais sujo que um pano de chão, logo após enxugando o interior de uma caneca sebosa com ele.

Com um charuto grosso e apagado no canto da boca, revelando dentes amarelados e gastos, o homem solta uma lufada de um bafo medonho antes de perguntar:

— Cerveja ou vinho, forasteiro?

EdiNuñez pousa uma das mãos enluvadas no balcão de madeira encardida e responde com uma voz firme, que corta o silêncio da taverna como aço:

— Informação. E vou pagar por ela.

Ele empurra um *shilling* de cobre em direção ao atendente truculento. O homem apanha a moeda e, mesmo sendo de um valor comum, percebe de imediato sua cunhagem excepcionalmente nítida, um relevo que não condiz com as moedas gastas que circulam por ali. Ele testa a autenticidade pesando-a na palma da mão calejada e mordendo o bordo para sentir o gosto do metal. Sob os olhares silenciosos dos presentes, que o dissecam de cima a baixo como urubus avaliando uma carcaça, Ed faz a pergunta pela qual pagou:

— Onde posso encontrar o Físico Municipal do vilarejo?

O taberneiro hesita, os olhos estreitados em fendas de pura desconfiança.

Ele cospe um catarro escuro para o lado e interroga, elevando a voz para que todos ouçam, buscando apoio na turba:

— O que quer com o *Doctor*? Por acaso está carregando a varíola sob essa capa? Estrangeiros sujos como você trouxeram essa praga à nossa porta, essa maldita que devora um homem ainda vivo!

O silêncio agora era absoluto, denso como breu. A menção à varíola — a doença que não apenas matava, mas apodrecia o infeliz enquanto ele ainda respirava, deixando nos sobreviventes marcas de uma monstruosidade eterna — fez o medo superar a curiosidade. Os mais próximos já sacavam suas adagas, levantando-se dos bancos com o ruído de madeira arrastada, prontos para expulsar ou eliminar o possível portador da peste. EdiNuñez manteve-se calmo; não moveu um único músculo. Com o cotovelo apoiado na madeira do balcão, ele até engrossou mais o tom de voz, fazendo-a ressoar com autoridade:

— Sou um mensageiro — declarou Ed, sua calma gelada contrastando com os ânimos latentes que eletrizavam o ar.

— Trouxe medicamentos raros para abastecer o estoque da botica. Se quiserem que o senhor da medicina tenha como salvar vossos filhos quando a próxima febre chegar, sugiro que guardem o aço de volta na bainha.

Os ânimos se acalmam gradualmente, embora a desconfiança ainda pairasse no ar como uma névoa tóxica. Os homens voltam aos seus "entretenimentos" torpes. Um deles, gordo e de aspecto asqueroso, segura o braço de uma jovem franzina, de cabelos desgrenhados e vestes surradas; ele a puxa para si, tentando beijá-la à força sob as gargalhadas e incentivos dos colegas de copo. O cavaleiro, porém, não intervém. Seu trabalho é apenas entregar a encomenda e seguir seu caminho. A varíola era cruel, mas alguns homens conseguiam ser bem piores.

05 - A PEQUENA LADRA

Ele recebe a informação e sai da taverna sem olhar para trás, ignorando o bafo quente e fétido que deixava para as suas costas. Ao chegar junto ao cavalo, EdiNuñez já posicionava o pé no estribo quando a garota surgiu correndo pela penumbra. De alguma forma, ela havia escapado das garras do bêbado bonachão, mas não sem antes lhe causar um imenso prejuízo; certamente, no meio do puxa e empurra da tentativa de abuso, ela passou a “mão leve” e o fez perder a bolsa de moedas. Muito esperta! Retendo o fôlego e com o peito arfando pelo esforço, ela conseguiu falar:

— Milorde... meu senhor, espere! Posso lhe levar até a casa do boticário por uma moeda...? Por favor!?

Ed olha para baixo, o rosto parcialmente oculto pelas sombras da capa, e tenta ignorá-la. Mas ela insiste, os olhos brilhando com uma urgência que mistura fome e medo. Ele, então, a questiona:

— Quantos anos você tem? Não devia estar em casa, abrigada do frio junto de sua família?

Ela respondeu de pronto, a voz trêmula não apenas pelo receio do estranho, mas pelo frio cortante que atravessava suas vestes rasgadas:

— Moro na rua, meu senhor. Eu como o que consigo pegar do chão. Não tenho quem cuide de mim...

Não havia como ser impiedoso diante de um lamento desses, um subproduto cruel do flagelo da guerra. Muitas jovens haviam ficado órfãs nas sarjetas, à mercê do infortúnio da fome e do destino sombrio da prostituição por migalhas. Movido por um lapso de humanidade, Ed enfia os dedos em um bolso interno de sua casaca, abaixa-se, estende a mão enluvada e lhe entrega um *shilling* soberano — uma moeda de ouro com alto valor de compra naqueles tempos de escassez absoluta.

— Tome esta moeda e a esconda bem! Saia já da rua, consiga algo para comer, compre roupas novas e procure um abrigo seguro para se aquecer. Eu consigo achar o caminho do boticário sozinho!

EdiNuñez puxou os arreios do cabresto do cavalo e preparava-se para partir, quando a jovem se colocou abruptamente na frente do animal, quase sendo pisoteada pelos cascos que golpeavam a lama.

— Mas essas ruelas são perigosas, moço. Eu conheço cada canto escuro, sei onde os ladrões se escondem à espreita... Por favor!...

Sem paciência e com o tempo correndo contra seus objetivos, EdiNuñez fala de forma ríspida:

— **Eu sei me cuidar!!!** Saia da frente e vá embora!!!

Ela, em um gesto de desespero, atira-se e agarra-se à perna dele sobre o estribo como se ele fosse sua única tábua de

salvação, implorando com o que restava de sua dignidade:

— Posso ser mais útil, p-posso fazer... “*aquelas coisas*” com o senhor... Não vai se arrepender...!

Olhando aqueles olhos tristes e emoldurados pela sujeira, o coração dele amoleceu — só um pouquinho — mas somente porque outra *coisa* endureceu. A ideia de ter alguém lhe aquecendo durante a noite gélida o fez reconsiderar, embora ela parecesse franzina demais, pouco maior que uma menina desnutrida. Ele voltou a questioná-la, movido agora não por honra, mas por uma ética prática:

— Não me disse sua idade...

— Não pareço, milorde, mas minha mãe disse que nasci em dezembro e já fiz dezoito no fim do mês passado. Sou apenas desnutrida, mas já sou mulher feita...

Ed sente uma pontada de pena, mas sua mente analítica sabe que a única intenção real dela é conseguir uma

oportunidade para surrupiar o resto das moedas de ouro que acenderam sua cobiça. Seria uma briga de egos: enquanto o gato pensa em comer a rata, a rata planeja roubar o gato. Suspirando, ele finalmente assentiu:

— Tudo bem! Fique de costas para mim e levante seus braços. Vou erguê-la até aqui.

Ed a pega com facilidade, notando como ela pesava quase nada, e a puxa para cima, colocando-a de pernas abertas, acochada contra seu abdômen, entre ele e o pescoço do animal. Ela, de imediato, reclama do arranjo:

— Na sua frente? Não vou na sua garupa?

Ele retruca, direto e seco, enquanto firma as rédeas:

— Não!!! Ou isso, ou pode descer! Não vou te dar a chance de meter as mãos no meu bolso!

Ela respondeu sem qualquer convicção, desviando o olhar:

— Não quero lhe roubar... Juro!

A resposta dele a desmontou de vez:

— É sério mesmo? E essa bolsa de moedas que você acabou de tirar do gordo lá dentro...?

Ela se calou. O silêncio foi sua única resposta, sem argumentos para contrapor a observação aguçada do forasteiro. Ed suspira; “quem cala consente”, como diz o ditado. Eles começam a andar, partindo dali antes que o gordo bêbado desse falta do seu dinheiro e saísse pra fazer confusão na rua.

A escuridão caiu rápido. O crepúsculo sob as espessas nuvens de chumbo bloqueava qualquer indício de luz solar que ainda se atrevesse a existir naquele lugar esquecido por Deus. Dobraram a esquina e seguiram reto, onde esparsas luminárias a óleo de baleia conferiam ao ambiente um ar sinistro e fantasmagórico. Foi então que a jovem sentiu algo incomodá-la.

— Ei! O que é isso me cutucando aí embaixo?

— Lamento, mas você está sentada sobre minha “*espada*”. Ela tem vida própria e nada posso fazer a respeito! Se quiser culpar alguém, culpe o cavalo e o balanço da cavalgada!— logo assumindo as rédeas:

— Mas... por que o espanto? Não me ofereceu os seus “préstimos”?

— Herr!!!... Sim!... mas.... Eu pensei... Humpft!— suspirou ela, ajeitando-se inutilmente.

— É logo ali, naquela outra esquina. Dá para ir mais rápido?

Ed, divertindo-se com a situação, mas visivelmente excitado, brincou com o desconforto dela:

— Se eu acelerar o galope, nem adianta você continuar se apoiando nas minhas pernas para se afastar da “*cobra*”... vai cair direto sobre ela! Hahahaha!

Mal chegaram ao destino e a garota apressou-se em pedir para descer, saltar daquela situação embaraçosa quase antes do cavalo parar totalmente.

— Chegamos! É aqui! Por favor, me desça, rápido! Vamos moço, antes que eu seja “*esfaqueada*” por baixo!... Humpft!

Ed solta uma gargalhada contida; não era sonora, apenas uma vibração divertida no peito. Ele não queria chamar a atenção de ninguém nas casas próximas, mas a pequena ladra já havia conseguido algo raro: fazê-lo rir naquele século sombrio.

06 - ACOMPANHANTE DE RISCO

EdiNuñez salta pesadamente da sela e a ajuda a descer, devagar, segurando-a pela cintura e deixando-a escorregar pelo seu dorso até ela perceber, no vão de suas pernas, o “*instrumento rígido*” dele. Ela fica ruborizada quando sente o “volume” e a intenção do cavaleiro e se projeta em um impulso súbito, empurrando-se para trás após bater suas mãos com uma firmeza espantosa contra o peito do Ed; ela só não caiu de bunda na lama viscosa porque ele, com reflexos de aço, a segurou firme pelas mãos estendidas. Ela tentava se soltar, um

pânico genuíno estampado em seu rosto maltratado.

— Vou te soltar... você vai fugir? — Ele sustentava um sorriso cínico e divertido. Tinha certeza absoluta de que ela escaparia, e talvez até esperasse que ela corresse para a escuridão, dando por encerrada aquela distração perigosa.

— Não, meu senhor. Vou ficar! Não vou fugir. Juro! — Para a surpresa dele, ela firmou os pés no chão e prometeu lealdade. Ed percebeu o brilho astuto no olhar dela; ela não ficaria pelo prazer da companhia, mas porque já havia mapeado exatamente em qual bolso as moedas douradas repousavam.

Ele assente, o sorriso ainda brincando nos lábios, e pede que ela segure o arreio do cavalo. Ed caminha até a entrada principal e bate com firmeza nos grilhões de ferro da pesada porta de madeira. Não demorou para que uma pequena claraboia se abrisse no nível dos olhos. Um serviçal de rosto amargo perguntou o que queriam, em um

tom de voz que carregava toda a arrogância de quem serve a um senhor poderoso. Após Ed se identificar e mostrar estrategicamente o conteúdo de uma das bolsas, o som de trincos pesados ecoou e o portão foi finalmente aberto.

A residência do boticário surgiu diante deles como um oásis de ordem em meio ao caos de Rochdale. Era uma construção imponente, de pedra sólida e vigas de carvalho escuro, com uma área de recepção ampla e bem iluminada por lanternas de óleo que não soltavam a fumaça barata da taverna. O chão de terra batida do pátio interno era limpo e nivelado, ladeado por outras pequenas habitações que serviam aos empregados. Ao fundo, para além da luz das tochas, a escuridão engolia o quintal vasto, onde apenas o contorno de um estábulo e o cheiro de ervas secas indicavam o local de trabalho do Físico Municipal.

Ed adentra o pátio puxando seu cavalo, mas o serviçal, em um movimento abrupto e carregado de preconceito, tenta

barrar a passagem da garota, proferindo insultos que cortavam o ar:

— Sai daqui, sua porca imunda! O que está pensando? Acha mesmo que uma carcaça de rua como você vai entrar na casa de meu senhorio?

A intervenção de Ed foi imediata e brutal. Antes que o homem pudesse sequer tocar nos farrapos da jovem, Ed desferiu um “safanão” violento com o antebraço e, usando o impulso do próprio corpo, atingiu o peitoral do serviçal com o ombro. O impacto jogou o homem com violência contra o portão de madeira, que estremeceu com o baque. O cavalo se assustou com o movimento súbito e quase empinou, irritando ainda mais o cavaleiro. Após conter o animal com um puxão seco nas rédeas, Ed se dirigiu ao serviçal, apontando os dedos em riste a milímetros do rosto pálido do homem:

— Não ouse sequer tocar nela! Ela está comigo e será minha companhia esta noite!

Assustado com a força desmedida e o olhar gélido do estrangeiro, o homem se desculpou entre dentes, baixou a cabeça e aguardou que ambos passassem para poder fechar o portão. A garota o seguiu em silêncio, cabisbaixa para esconder o semblante, mas havia uma satisfação contida que aquecia seu peito mais do que qualquer fogueira. Em toda sua triste e violenta vivência nas ruas, jamais alguém tentara sequer conversar com ela de igual para igual, muito menos defendê-la com tamanha ferocidade. Pela primeira vez, ela não se sentia mais uma mera "rata" invisível; ela agora era alguém sob a proteção de um herói.

07 - ACORDO NO ESTÁBULO

Pouco depois, sob uma área coberta e bem iluminada por archotes que projetavam sombras nítidas nas colunas de pedra, o boticário veio recebê-lo. Para a surpresa de quem esperava um velho curvado entre frascos, ele era um homem notavelmente

jovem e de uma beleza rústica e marcante. Seus cabelos eram escuros e bem cortados, e a barba, curta e desenhada, emoldurava um rosto de traços aristocráticos. Trajava-se com uma elegância superior àquela vila lamacenta, vestindo um gibão de veludo impecável e camisas de linho fino que denunciavam uma posição social privilegiada — provavelmente o herdeiro precoce de um negócio próspero e de uma profissão que o pai lhe passara conhecimento e o legara antes do tempo.

Ele conferiu a carga nas bolsas descarregadas com movimentos ágeis, pagou a remessa de medicamentos com uma bolsa de moedas de som tilintante e lhe repassou um “*bastão de mensagens*” hermeticamente fechado. Ed conferiu o nome codificado do destinatário — um símbolo cheio de significados ocultos — e assentiu com um leve aceno de cabeça. Antes que saísse, o físico municipal, com um meio sorriso que revelava sua

curiosidade, perguntou onde o viajante passaria a noite.

— Vamos para a estalagem. Viajarei cedo pela manhã.

— Não precisa! Fique no estábulo! Lá pode alimentar seu belo animal, acender a lareira e dormir sobre o feno seco!

Ed aceitou a oferta. Sair para a escuridão em busca de um dormitório, com tantos larápios lá fora aguardando uma oportunidade, era arriscar demais a sorte. Porém, o boticário, cujos olhos agora desciam para a figura miúda ao lado do cavaleiro, perguntou com desdém:

— E essa mocinha?— Ed respondeu, incisivo e sem desviar o olhar:

— Ela está comigo. Me fará companhia no frio desta noite!— Acenando a mão com um gesto de descaso, o médico deu uma ordem de despejo velado:

— Despache-a! Arrumo-lhe uma de minhas serviçais que lhe servirá muito melhor. Meninas, saiam aí de trás! Ficam só

olhando e cochichando... venham aqui na frente. Vocês não adoram uma novidade?

Ao comando do senhor, dez mulheres emergiram das sombras dos corredores laterais. Eram sete garotas jovens e três mulheres mais experientes, porém lindas, todas exibindo um brilho de antecipação nos olhos. Para elas, o boticário, jovem e de beleza rústica, era um mestre que certamente apreciava um rodízio constante em seus lençóis, e a chegada de um forasteiro imponente como Ed era o evento do mês. Elas se apressaram a perfilar, uma ao lado da outra, animadas, ajeitando os decotes e lançando olhares convidativos.

— Escolha quantas achar que dá conta — continuou o anfitrião, exibindo suas "propriedades" com orgulho. — São jovens limpas, saudáveis e cheirosas, sem riscos de lhe transmitir alguma enfermidade contagiosa carnal!

Ed o interrompeu. Sua resposta imediata foi como um balde de água gelada sobre o grupo. O semblante animado das

serviçais desmoronou em uma fração de segundo, substituído por caras de frustração e bicos de desapontamento.

— Não há necessidade... Vou continuar com a jovem aqui ao meu lado! Agradeço a oferta. Há algum problema nisso?

— Nãoooo! Gosto é gosto! Talvez tenha fetiche por emoções fortes e prefira viver perigosamente. Só proteja bem seu pagamento! Hahaha! Vou providenciar algo para comerem.

— É muita gentileza sua!... E não se preocupe! Da minha segurança, cuido eu!

Ed perguntou a direção dos estábulos.

— Siga pela sua esquerda e a verá a trinta metros, nos fundos. Fiquem à vontade, ninguém os importunará! Desejam alguma coisa...? Quem sabe um gel "*milagroso*" ou um óleo "*facilitador*"...

Ed percebeu a malícia nas palavras, mas não se abalou:

— Preciso de sabão! Serve tanto de “facilitador”, caso a “passagem” seja muito apertada, como também para lavar minha roupa. Estou curioso para ver o que se esconde debaixo de toda a sujeira que cobre essa jovem!

Seu anfitrião gargalhou com gosto da resposta pragmática.

— Vou mandar levar o sabão. Boa noite e boa sorte!

— Agradeço desde já pela refeição ofertada e pela ótima acolhida.

O boticário, ordenando que levassem as bolsas com os medicamentos para dentro, respondeu:

— Eu sou quem agradeço! Vieram em boa hora esses unguentos. Alguns deles eu já não tinha há meses. O que mais precisar, é só falar.

— Me consiga duas cobertas limpas e secas, por favor. A minha está molhada e, nesse frio, não servirá para nada!

— Aguarde, que será providenciada.

A garota suja e desleixada — não por descuido pessoal, mas pelo açoitado da vida — que até então se encolhia sob o peso dos insultos do porteiro, do desprezo do homem da medicina e dos olhares de nojo das dez serviçais, sentiu um choque elétrico percorrer sua espinha ao ouvir a negativa seca de seu protetor. Ela olhou para as dez mulheres perfiladas — flores cultivadas, limpas e perfumadas, todas preteridas por ela — e, em seguida, baixou o olhar para as próprias mãos enrugadas pelo frio e calejadas, com as unhas quebradas e a sujeira impregnada até as cutículas. Por um segundo, a lógica da sobrevivência falhou; o natural seria ser descartada como um fardo inútil, mas, em vez disso, ela foi escolhida, reivindicada com a posse de quem acabara de achar um tesouro oculto sob a lama.

Seus olhos orientais pequenos se fecharam e uma lágrima teimosa rolou por sua face suja, — misturando-se às gotas da chuva que a pouco lhe molhava inteira —

embora ela tentasse contê-la, seu rosto, antes nublado pelo cinismo das ruas, brilhou com uma mistura de assombro e uma gratidão tão profunda que beirava a dor. Ela não era mais uma simples guia ou uma ladra oportunista naquele momento; era a preferida de um homem que não se dobrava às convenções. No silêncio de sua mente, ela prometeu a si mesma que, se ele queria ver o que se escondia debaixo daquela sujeira, ela permitiria e até lhe entregaria não apenas a pele limpa, mas uma lealdade que nenhum ouro naquele século seria capaz de comprar.

08 - LIMPANDO OURO

Eles se dirigiram calados para os fundos da propriedade, Ed puxando seu cavalo e a jovem logo atrás dele, caminhando ao lado do belo animal. Nesses tempos difíceis, é raro encontrar tanta amabilidade; as pessoas estão sempre desconfiadas e prontas para revidar com violência qualquer ato que fuja do trivial, então ele agradecia mentalmente a forma

como o seu anfitrião o recebera. Enquanto organizava a lenha e acendia o fogo, duas das jovens que há pouco perfilaram, esperançosas pela atenção dele, trouxeram um pedaço robusto de sabão e duas cobertas. Ed foi até elas e agradeceu a boa vontade, sendo avisado de que a comida logo seria servida ali mesmo no estábulo; também informaram que o casal teria privacidade e um bom tempo para se limpar antes do alimento ficar pronto.

Ed, já sem camisa, as deixou atônitas ao ver sua musculatura peitoral e abdominal bem definidos, com bíceps e tríceps trabalhados. Ele não deixou de notar os olhares cobiçosos; elas se foram antes de terem um verdadeiro orgasmo com os olhos. Fogo aceso e lenha queimando firme, ele limpou um canto externo da sujeira e de algumas tralhas jogadas, criando um chuveiro improvisado sob uma biqueira de água que jorrava. A jovem, timidamente, despiu seu vestidinho surrado, ficando apenas em uma peça íntima encardida. Seus

seios pequenos e delicados ainda não estavam à mostra, pois ela tentava ocultá-los com os braços em cruz, encolhida sobre eles. Ela enfiou a cabeça debaixo da água geladíssima, soltando um gritinho agudo. O barulho da chuva impedia qualquer um de ouvi-los; se pudessem, pensariam que o *“urso acabou de entrar na caverna”*.

Ed se aproximou como veio ao mundo. A luz tênue do fogo da lareira desenhava seus músculos torneados e potentes. Livy o observava de canto de olho; o desejo e a curiosidade a impulsionavam a ver mais, porém a vergonha a impedia de se virar totalmente. Ele percebeu sua timidez, aproximou-se por trás e a segurou pelos ombros. Virou-a de frente para ele, prendendo-a em um abraço enquanto se molhavam juntos; ela conteve o susto da pegada firme sob a água que agora encharcava ambos. Após Ed tirar o excesso de água do próprio rosto, tentou puxar uma conversa para quebrar o gelo:

— Abra os olhos e pode olhar! De onde venho, dizem que “*olhar não tira pedaço*”, e é a mais pura verdade. Não se assuste. Vou pegar sua mão... sinta o que você se recusa a ver. — Ed encostou as mãos abertas dela em seu peitoral quente.

Ela manteve os olhos fechados, mas ele a viu morder os lábios inferiores enquanto os tênues pelos dos braços e pernas dela se eriçavam. Ele abaixou as mãos dela, levando-as pelos gomos de sua musculatura abdominal. Ao perceber aonde a mão pararia, ela forçou um freio e abriu os olhos, encarando-o com o cenho franzido. Ed sorriu, olhos fixos nos dela. Ele a virou e agarrou pelas costas, sua “espada” em riste vergou a lâmina ao tocar em seu glúteo firme e ambos novamente entraram debaixo da biqueira d’água, arrancando um novo gritinho dela. Ele a segurava firme, uma mão no pulso e a outra em sua cintura, o desejo carnal ativado pela visão privilegiada que tinha, nublava sua mente, mas se conteve no segundo fatal:

— Sei que a ocasião é estranha, há uma “adaga” ameaçadora aí embaixo apontada para você, mas devo me apresentar, já que passaremos a noite juntos.

Instintivamente, ela olhou para trás e soltou outro grito — desta vez de susto — seguido de um "Wow!" contido rapidamente pelas mãos em sua própria boca.

— Meu nome é EdiNuñez, sou ibérico, descendente nobre do reino de Castela. — Ele não mentiu uma vírgula; não precisava da verdade para conquistar, pois sabia que ela já estava rendida. — E você, como se chama, minha jovem?

De olhos fechados, lábios roxos e tremendo de frio, ela gaguejou. Ed pegou delicadamente em seu rosto, acariciando-o com os dedos até que ela finalmente o olhasse nos olhos.

— Me- Meu no- nome é L- Li- Livy... Livy Emanuelle.

— Lindo nome. Condizente com o que estou revelando ao passar a mão em seu

rosto. Feche bem firme seus lindos olhos azuis, Livy Emanuelle. Vou lhe passar sabão e tirar toda essa sujeira impregnada em você. Confia em mim?

Ela assentiu. Ed começou seu trabalho minucioso. Iniciou pelos cabelos; uma grossa camada de sujeira e lodo escorria pelo colo dela, que ainda mantinha os braços escondendo os seios. Duas passadas e dois enxágues depois, revelou-se um cabelo castanho-claro com lindas mechas cor de mel. Em seguida, o rosto: os olhos dela, sempre fechados, sentiam a leveza daquelas mãos enormes em comparação às dela. Camada por camada, a sujeira foi retirada. As costas não pareciam tão sujas por causa do vestido, mas ao passar as mãos em sua bunda, ela deu um esporro:

— Epa! Tire a mão daí! Isso aí atrás eu mesma posso lavar... dá licencinha? Xispa, entregue o sabão que daqui para frente cuido eu, tá?!

Ed sorriu, mas sentiu a frustração. Ele experimentou a textura macia daquele

bumbum por um instante e já imaginava seus dedos hábeis percorrendo aquelas reentrâncias e a espuma do sabão que escorria de seus cabelos e iam direto ao rego traseiro, serviriam de “facilitador” perfeito; tudo bem, ele tinha o resto da noite a seu favor, era só esperar com paciência o momento de invadir esse “posto avançado”.

Ela ficou cuidando de si, lavando-se, e ele sem perceber, parou para observá-la esfregar a espuma no pescoço e no colo. Abaixada, ela removeu a última camada de sujeira que escondia uma imensa beleza. Suas mãos delicadas contornavam curvas tênues: o bojo do seio firme, o vão das pernas... ela permitiu que ele olhasse sem reclamar, desde que ele respeitasse os limites não estabelecidos verbalmente.

— Pronto! Estou renovada!

Ed estava visivelmente encantado. A pele dela, despojada dos panos desgastados, mostrou curvas suaves e uma textura lisa. O rosto, livre da craca das ruas, revelou traços asiáticos e feições de incomparável beleza.

— Você é muito linda, Livy Emanuelle. Agora entendo por que se escondia debaixo de tanta sujeira. — Ele não se continha de admiração e desejo, ansioso pelo momento de irem para debaixo das cobertas. Sabia que fizera a escolha certa ao mantê-la consigo, mas a timidez dela ainda era um mistério intrigante.

— Bondade sua... — ela balbuciou finalmente, com as mãos fechadas grudadas sob o queixo, que batia freneticamente de frio.

09 - BATALHA INTERNA

Após o banho, cada um lavou sua própria roupa. Ficaram nus ali, lado a lado, já sem o constrangimento inicial por parte dela. Livy olhava vez por outra para o lado e sorria ao ver a silhueta da "tromba" balançando enquanto ele dançava, murmurando uma canção desconhecida aos ouvidos dela com a garganta, deixando o momento divertidamente descontraído. Logo saíram da água, ambos com o vapor

do frio emanando de seus corpos pelo choque térmico. Ed pegou uma das cobertas, envolveu-a e começou a enxugá-la delicadamente.

Livy não se lembrava de alguém — exceto sua mãe, em uma vaga memória de infância — lhe dando tanta atenção e carinho. Os cuidados dele mexiam com seus sentimentos. Desde que ficara órfã e passara a viver nas ruas, sempre manteve distância de quem pudesse lhe causar mal; aquele homem, embora atencioso, deixava nítido o seu único interesse nela. Embora algo estivesse mudando dentro de si, o destino a lembrava, derrubando seus devaneios: era apenas um negócio, e ela não se permitia ter mais que fantasias e ilusões. A voz dele a trouxe de volta à crua realidade:

— Vista esta minha manta, vai te proteger do frio enquanto nossas roupas secam perto do fogo. Pronto! Ficou ótima em você... Agora, sente-se sobre a nossa cama improvisada no feno. Eu vou ficar perto do fogo enquanto esperamos nossa

comida que... ah! Olha ela aí! Chegou bem na hora!

As serviçais arregalaram os olhos ao verem aquele homem com seus 1,80m de pura massa bruta, todo “avolumado”, caminhando nu e descontraidamente até elas para pegar a panela com o jantar. A outra jovem colocou os pratos e colheres sobre uma bancada que serviu de mesa improvisada; ambas desejaram um bom jantar e uma boa noite. Saíram cochichando, mãos nas bocas, sorrindo e olhando-o de cima a baixo. Era nítida a inveja que sentiram da pequena Livy e o inconformismo por terem sido preteridas por ela. Ed ouviu nitidamente o último comentário antes de elas correrem sob a chuva:

— Viu o tamanho?— A outra prontamente respondeu:

— Como não ver? Essa guria é guerreira!

Após consumirem toda a sopa de carne e legumes, ambos se prepararam para recolher-se. Ed teria que sair logo cedo; o descanso era necessário para a intensa viagem até a próxima parada, Manchester, distante um dia de cavalgada. A garota timidamente deitou-se próximo a ele, esperando o momento inevitável.

— Venha! Você está batendo o queixo de frio. Vou te aquecer com meu corpo. Encoste-se em mim! — Ed estava pronto para finalizar o jantar; a sopa, embora estivesse deliciosa, era apenas a “entrada” para o “prato principal”.

— Eu... estou com medo. Eu nunca...
— Livy hesitou. Uma reação inexplicável vindo de alguém que, aos olhos do guerreiro, sobrevivia com o corpo nas ruelas de Rochdale. Ela estaria tentando elevar seu valor e cobrar mais caro, ou havia outra razão escondida?

Ed sorriu, e sua fala foi de puro desapontamento. Ele não era de forçar ninguém a nada.

— Só falta você querer me aplicar o golpe da "*Virgem Imaculada*"!

Ela apenas olhou para ele, nada falou, não precisava, sua cabeça baixa e as mãos enlaçadas como se em prece falavam por si, deixando transparecer seu medo e, ao mesmo tempo, uma grande ansiedade.

— Espera... é sério? Você nunca...? Nunca mesmo?!

— Juro que não! Já tentaram me molestar muitas vezes, mas sempre consegui escapar. Me desculpe...

Essa foi uma confissão "*broxante*". Ele tomou sua decisão: aquele momento era inadequado para tal ato.

— Venha! Não tenha medo. Não vou te tocar, apenas te aquecer. Juro!

O olhar dele mudou. A luxúria cedeu a algo mais denso, mais paternal e protetor. Ela retrucou de pronto, surpreendendo-o:

— Não! Eu... eu quero! Eu desejo isso! Esperava alguém que valesse a pena...

acho que não terei ninguém mais gentil ou melhor que o senhor!

O jogo virou a favor dela e ela desfez-se das cartas; então, a sorte ficou nas mãos do destino.

— Sossegue! Eu vou te respeitar... Vou tentar resistir. Confesso que estava louco para... mas não posso, não devo fazer isso com você.

— Mas... pode sim! Eu deixo... eu quero!

Ed suspirou, sentindo o peso daquela sentença.

— Procure alguém que possa te assumir, viver com você, te tirar das ruas... Sou um viajante, não tenho como assumir tal responsabilidade.

Ela insistiu, segurando firme em seu braço, implorando:

— O senhor não entende... ninguém me enxerga, nem me dá valor. Milorde foi o único que me viu de verdade... que cuidou

de mim... Por favor! — Ela exalava vulnerabilidade.

— Você me deixa em uma situação complicada! Sou um homem carnal, não há santidade em mim... — Ele tentou ponderar; o certo era não se envolver, não deixar essa marca nela. Então, sentenciou:

— Minha jovem, você é linda. Garanto-te que será difícil resistir ao desejo; estou em uma batalha interna aqui... — soltou um suspiro longo.

— Vou tentar me segurar, mas, se eu não conseguir, te prometo que serei respeitoso e carinhoso. Sua primeira vez merecia um lugar melhor que o feno como colchão.

— Não é o lugar, mas a pessoa que define se valeu a pena ou não! — Ela demonstrava ter mais sabedoria do que aparentava.

Livy era uma menina querendo ser mulher, sem noção dos conflitos existenciais que passavam pela cabeça dele. Ed sabia

que a “marca” seria permanente, grudada na mente e na alma. Ela o escolhera para entregar seu único tesouro. Mas por que ele reluta tanto, se cedo ou tarde, alguém irá inevitavelmente romper esse lacre?

Ela se deitou e colou ao abraço dele timidamente, talvez fosse a manta, ou seria a tensão que a fervia por dentro? Enquanto essa anomalia os envolvia, seu cheiro de macho fazia Livy sentir o coração martelar contra o peito. Para ele, era uma batalha ética; para ela, era uma questão de existência. Nas ruas, seu corpo era alvo de carniceiros; com Ed, sentia que ele era seu templo. Ela não queria apenas a proteção do guerreiro, queria a marca do homem. Queria que, quando ele partisse para Manchester, algo dele ficasse cravado nela, uma prova de que, por uma noite, ela deixou de ser um fantasma de Rochdale, para ser a rainha de um nobre de Castela. Ela fechou os olhos, sentindo a tensão muscular dele contra seu corpo, e rezou silenciosamente para que a resistência dele falhasse, pois sua pureza já

clamava para ser quebrada e possuída por mãos que valorizavam o que conquistavam.

10 - ARMADILHA DO CORAÇÃO

Livy já não tremia de frio; agora, temia a solidão das ruas que inevitavelmente a envolveria na noite seguinte. O silêncio no estábulo era a calma antes da tempestade que ela ansiava que acontecesse. Aos poucos, o cansaço a vencia. A sensação de segurança era um bálsamo que a entorpecia, um alívio maior que o calor das chamas ou a ansiedade de ter aquele corpo másculo que a acolhia — quieto, impassível e colado ao seu.

Tudo estava de ponta-cabeça. Antes, quando se ofereceu como prêmio ao estranho em frente à taverna, seu único interesse era simplesmente roubá-lo — uma estratégia infalível até aquele momento. Porém, ao receber aquele *shilling* dourado, percebeu que ele era diferente justamente por não pedir nada em troca. Ela se deixou

envolver. A rata caíra na ratoeira que ela mesma armou: a "armadilha do coração".

O seu plano meticuloso de sedução fora desarmado no instante em que o cavaleiro a colocara sentada sobre sua "espada" durante a cavalgada, mas o paradigma se rompeu definitivamente quando ele rechaçou o serviçal na porta da botica. O engodo se desfez. A estratégia de aproximação, furto e desaparecimento rápido — preservando sua pureza carnal — sempre dera certo, mas por que agora ela sequer cogitava fugir? Sua única preocupação era saber se ele conseguiria resistir e não tocá-la; no íntimo, ela ansiava que ele quebrasse a própria palavra, roubando seu único e precioso tesouro. Ed, contudo, aguardou pacientemente que ela caísse em um sono pesado.

Enquanto vigiava o repouso da jovem, Ed relembrava os eventos que o levaram até ali, repassando cada passo dado desde que tomara o lugar do verdadeiro mensageiro. Ele obtivera a informação de que um

viajante solitário se dirigia à vila de Rochdale para a entrega de uma remessa de ervas e unguentos raros. Mas aquilo era apenas um ardil. O verdadeiro propósito do emissário era receber, de forma velada, um documento das mãos de um receptor para entregá-lo em Manchester. Tal documento era, na verdade, um manual de instruções para o funcionamento de um artefato que, se chegasse às mãos erradas, seria o catalisador de catástrofes capazes de alterar o rumo da Revolução Francesa.

Ed o emboscara enquanto o homem montava acampamento ao anoitecer, na rota de Suffolk. Na abordagem, pediu desculpas, alegando que precisava assumir sua identidade, mas permitiu que o outro se preparasse para a defesa; afinal, contra o frio seco do vento, uma luta de espadas era um ótimo exercício para aquecer os músculos e a alma. O homem, embora tendo seus méritos e habilidades, perdeu bem mais que seu cavalo e seus pertences, não foi páreo

para um soldado talhado em batalhas que olhos comuns jamais veriam.

Infelizmente para o espião disfarçado, a viagem terminou em uma vala rasa na beira da estrada, não sem antes revelar cada detalhe da sua missão, facilitando ao Ed assumir sua identidade sem cometer erros. O que esperar de um traidor? No desespero para tentar sobreviver, trair é um verbo que muda sua conjugação conforme cada conveniência, mas deixá-lo vivo era arriscar toda a operação. As lembranças de sangue e tilintar do aço se dissiparam quando Ed percebeu que a jovem ao seu lado ressonava, suave como um bebê. Ela estava encolhida, e seu rosto angelical, iluminado pela luz bruxuleante da lareira, tinha o semblante de quem, pela primeira vez, sentia-se protegida. Livy era a personificação de uma pureza que já não existia nele. Ed ficou ao seu lado, resistiu à tentação e a respeitou. Com cautela, retirou o braço que servia de travesseiro, afastou-se suavemente e levantou-se, silencioso como uma sombra.

11 - O CHAMADO

Ed pegou dois objetos que escondia em um bolso camuflado em uma das bolsas. Um deles era uma viseira transparente — não um par de óculos comum — e o colocou em seu rosto, movendo a cabeça lentamente enquanto olhava os arredores, como se mapeasse o local em busca de intrusos. Em seguida, o visor fixou-se na jovem deitada sobre a coberta no feno seco. Ele abaixou-se, fechou momentaneamente os olhos, franzindo o cenho e sacudindo a cabeça negativamente, como se lutasse contra uma conclusão inevitável. Guardou a viseira e afastou-se para longe dela, buscando a privacidade das sombras no lado oposto do estábulo, levando consigo um pedaço de pau em chamas e o segundo objeto: um estranho aparelho cilíndrico com cerca de quinze centímetros de comprimento e seis de diâmetro. Era um aparato tecnológico cuja sofisticação não condizia, de forma alguma, com aquela era de ferro e vapor.

Para aquecer as mãos, Ed fez uma pequena fogueira; o frio, apesar do casaco que vestia, era cortante e parecia querer paralisar seus dedos. Pouco depois, o objeto cilíndrico emitiu um ruído baixo, quase inaudível — um som metálico e digital, absolutamente estranho a qualquer mecanismo mecânico da época. Um nome, carregado de uma autoridade invisível, foi chamado:

— Agente Aletheia! Chamando agente Aletheia! Na escuta... Câmbio? Protocolo da missão: Delta-2 (*D2 - Descanso fase 2*). Copiado?

Uma voz feminina, levemente distorcida mas de uma clareza cristalina, surgiu do objeto entre pulsares de luzes coloridas que dançavam na palma da mão.

— *Alto e claro, agente EdiNuñez! Completou a primeira fase da missão? Câmbio!*

Respirando fundo, sentindo o ar gelado queimar os pulmões, Ed respondeu:

— Afirmativo. Fase Romeo (R - Rochdale) completa. Tango (T - Tempo) não ajudou. Amanhã seguirei rumo ao segundo item em Mike (M - Manchester) e poderei voltar. Mais um ou dois dias, dependendo do Tango. Câmbio.

— *O atraso de um dia é aceitável e está dentro do cronograma inicial. Câmbio* — ponderou a voz pragmática no aparelho.

— Estava previsto muita chuva, porém o granizo na estrada me fez buscar abrigo urgente; isso me atrasou em demasia. Se não tiver nenhuma recomendação do Líder Macro, podemos encerrar aqui? Câmbio.

— *Certo! Sem recomendações, somente mantenha em alta a cautela. Quanto a Tango, ele sempre foi imprevisível. Mas... Espere!... Estou sentindo uma segunda fonte termal, e não é Foxtrot (F - Fogo)!... Câmbio???*

Desconcertado, Ed coçou a nuca, fazendo a careta típica de quem foi pego no flagra, e confirmou com um fio de voz:

— Errr... Bem... É que peguei uma Juliet (J – Jovem) no caminho. Está dormindo. Câmbio.

— *Agente EdiNuñez, você não toma jeito mesmo! Sempre se metendo dentro de um rabo de saia... Já te avisei dos riscos! Tem que parar com essas interações, isso eleva a minha preocupação de apenas sobre sua segurança para os seus frequentes contatos íntimos com as locais, o que certamente deve ser o motivo de querer encerrar de forma precoce a comunicação, certo?!!! Câmbio!?*

O tom do outro lado era de censura, mas carregava uma nota vibrante de proteção, quase como uma consciência vigilante.

— Relaxe Aletheia, não aconteceu nada... ainda! Estou é com muita dó dela... Avaliei seu mapa vital com o *Cronovítreo* e

ele mostrou que ela tem apenas três dias de vida... Coitada... Câmbio...

A entonação de voz dele carregava uma tristeza genuína, um peso que parecia maior que a própria missão. Aletheia, contudo, foi fria e metódica:

— *Agente EdiNuñez, negativo. Abandone o alvo. Análise da Mesa de Ressonância Temporal detectou um Loop Causal Nível Ômega. É uma Crux incipit.*

— *O que diabos é isso? Câmbio.*

— *É uma encruzilhada, Agente. Se você alterar o destino dela agora, cria um Bootstrap Paradox. Eu posso passar a existir com a única diretriz de impedir você de salvá-la. E se eu falhar... eu deixo de existir. Se não a salvar, a linha se estabiliza e eu nasço do mesmo jeito... pra garantir que você nunca mais tente. Qualquer escolha sua pode me pôr contra você. É por isso que não deve interferir. Não por crueldade. Por matemática. Câmbio.*

O tom do outro lado não era de censura. Era de medo.

— Está tudo bem, fique fria! Relatório parcial da missão: resgate com sucesso do item Sierra (*S - Secundário*) em Romeo. Cedo pela manhã vou seguir viagem para concluir a missão de resgate do item Papa (*P - Primário*). Agora preciso dormir um pouco... Câmbio!

— *Excelente! Está tudo correndo dentro dos padrões protocolares e sem maiores intercorrências. Até breve, agente EdiNuñez, e tenha juízo! Câmbio final.*

12 - O PESO DA VERDADE

Com um estalo seco, a incrível comunicação encerrou-se. O aparelho, que antes exibia luzes pulsantes em seus circuitos internos, apagou-se por completo, mergulhando o canto do estábulo em uma penumbra ainda mais densa.

— Que estranho objeto é esse nas suas mãos?

Uma voz feminina e trêmula o atingiu, fazendo-o levantar-se de um salto. Esse flagrante não estava previsto em seu roteiro meticulosamente trabalhado; um descuido que poderia custar caro demais. A jovem posicionou-se com agilidade à sua frente, prensando-o metaforicamente contra a parede com a força de seu olhar:

— Com quem falava?... E que história é essa, que eu só tenho... três dias de vida...?!!!!

— Não!... Err... Bem!... Eu... Não sabe que é feio ouvir a conversa dos outros?

Ed tentava desesperadamente reverter a situação, as engrenagens de sua mente girando em busca de uma saída lógica.

— Você estava aí escondida desde quando?

Ela nem sequer ouvia as perguntas dele; só lhe interessava desvendar o enigma daquela conversa impossível.

— Responda, por favor!... Eu vou morrer em três dias? Como sabe disso? E

como conversava com alguém por este... O que é isso em suas mãos?

Agora ele percebia, tardiamente, que quando Aletheia o questionou sobre a segunda fonte termal, ela havia detectado a presença de Livy justamente por ela ter se afastado do calor do fogo, criando um contraste térmico nítido. Ela ouvira o que não devia; soubera de segredos que nenhum habitante daquela era deveria conhecer, especialmente a verdade sobre a existência dele. E agora? Como consertar essa "cagada"? Ele se amaldiçoava internamente por ter permitido que seus instintos carnaís nublassem sua cautela operacional.

A sentença era clara, irrefutável: ela morreria em menos de setenta e duas horas. Saber o momento exato em que a vida se esvairia era um conhecimento proibido. Se ela contasse a alguém, não acreditariam; o relato desencadearia uma série de fatores que invariavelmente levariam à sua morte. Estavam nos estertores da Idade Média, e a bula pontifícia *Summis Desiderantes*

Affectibus, que legitimara o uso do infame manual *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Bruxas), ainda exercia sua sombra opressora. Somente seria revogada em menos de três décadas do ponto temporal que estavam. Livy poderia ser facilmente acusada de bruxaria, encontrando seu fim na fogueira da Inquisição. As datas batiam: já passava da meia-noite e Ed imaginava a cena: ela, apavorada, contaria a alguém na rua e essa pessoa a denunciaria ao clero. Ela seria caçada, julgada sumariamente e, no dia seguinte, reduzida a cinzas. *Fim de Jogo*.

O que fazer? Ed estava de mãos atadas. Se contasse tudo, ela acreditaria nele, mas manteria o segredo? Eliminá-la só confirmaria o seu destino trágico. Sem alternativas viáveis de resolução sem lhe causar um trauma maior, ele pegou as mãos dela, que tremiam violentamente — e não era mais por causa do frio. Era uma tentativa vã de tranquilizá-la e organizar a bagunça feita por sua imprudência ao acreditar que ela dormia. A "ratinha" fora mestre na

dissimulação, enganando-o com perfeição. Suspirando profundamente, ele falou:

— Venha aqui comigo. Me escute. Vou te contar tudo, está bem? Mas você terá que abrir sua mente. Posso provar tudo o que vou relatar, mas me prometa uma única coisa: terá que guardar segredo absoluto. Você não pode contar isso para ninguém! Você consegue?

Ela não assentiu. Estava em choque, o rosto pálido sob a luz das brasas. Ele sabia que havia se metido em uma enrascada sem precedentes.

Caminharam juntos, ele segurando a mão dela com firmeza. Voltaram para a cama improvisada e ele a ajudou a sentar-se, acomodando-se bem próximo a ela enquanto se embrulhavam na mesma coberta. Ela o olhava com olhos rasos d'água, um semblante suplicante por respostas para a visão surreal que tivera. Ed buscava em sua vasta experiência encontrar um tom apaziguador, mas como se explica a alguém

que acaba de descobrir o prazo de validade da própria alma?

É possível relatar a uma flor que ela murchará antes do próximo orvalho, sem tirar dela a vontade de ainda buscar o sol? O drama que agora habitava o peito de Livy era a anomalia definitiva: o conhecimento do fim da estrada antes de sequer dar um passo decisivo nela. Para ela, o tempo deixara de ser uma linha contínua para se tornar uma ampulheta quebrada, onde cada grão de areia que se esvaia, tinha o peso de uma vida inteira não vivida. Ed olhava para aquela criatura tão pequena e frágil, suplicante por vida, ele agora percebia que, ao tentar protegê-la do frio, acabou por condená-la ao gelo eterno da expectativa da morte. Ali, sobre o feno, ele enfrentava seu maior teste: a vida pode ser um consolo quando a verdade é uma sentença de morte?

13 - A PROVA DO FUTURO

Ed entregou nas mãos dela o objeto metálico. Tinha painéis e botões táteis; era

frio, pesado e feito de ligas metálicas com predominância do cobre. Parecia vibrar levemente ao toque com a pele dela, como se uma energia estática invisível tentasse decifrar seu DNA. Definitivamente, aquilo não pertencia àquela escala temporal. Livy sentiu o objeto escorregar por um instante, como se tentasse escapar dela, mas, assustada, segurou-o com firmeza.

— Livy, preste atenção! O que vou te falar pode ser a razão pela qual perderá sua vida. Eu não sou deste mundo... — Essa fala deu a impressão de que ele era um espectro, uma alma do além.

— Espere! Deixe-me reformular, ou parecerá que sou um fantasma. Não estou morto!... O que quero dizer é que não pertenço a esta época. Vim do futuro. De um tempo que ainda vai acontecer.

Ela ouvia atônita, segurando o aparelho como prova de uma tecnologia inexistente.

— Como sabe que vou morrer? Como vai ser minha morte?

Perguntou baixinho, cabisbaixa, apavorada com a resposta. Ed buscava as palavras no rosto dela, como se o desespero da jovem pudesse iluminar sua própria mente.

— Não sei como será, nem a hora exata. Não há registros das pessoas comuns no futuro. Se houve, se perderam...

— Mas como tem certeza? Não pode ter se enganado?

Ela estava angustiada. Era algo inacreditável, mas o aparelho que há pouco brilhava com a voz de Aletheia nas mãos dele não deixava dúvidas. Ele novamente colocou a mão na bolsa e, desta vez, puxou a viseira semitransparente.

— Este é o Cronovítreo, um visor termal que me auxilia nas minhas viagens. Ele tem múltiplas funções, como mostrar as frequências das pessoas: as boas, de quem posso me aproximar, e as más, de quem

devo manter distância. Veja você mesma. Deixe-me colocá-lo em você. Não tenha medo... O que está vendo?

Com o aparelho de tecnologia futurista no rosto, a mente de Livy iluminou-se com uma autêntica surpresa.

— Nossa!... Que lindo! Tudo está claro como o dia... Vixe! Olhei para a parede do outro lado e minha visão me levou para pertinho dela... E... o que é isso em sua volta? Tem uma luz azul pulsante... Também vários símbolos piscando, coloridos... números... letras... O que é tudo isso?

— São informações úteis para as minhas missões. O *Telescópio Óption* permite ver de perto o que está longe; o *Clareador de Prótons* me faz ver no escuro. Essa luz em minha volta é minha aura astral. Cada pessoa tem uma cor que revela quem é de verdade... A sua era roxa, quase um tom púrpura profundo, mas quando olhei de relance, no momento em que fui colocar o Cronovítreo em você, percebi que já mudou

para um azul-escuro; sinal de que algo em você evoluiu. Está vendo essas informações pequenas no canto direito? O que mostram para você?

— Muitos números, nem consigo contar. Não tenho estudos para isso, mal sei ler... O que significam?

— Esse é o *Cronômetro Temporal* da minha existência. Se pudesse ver o seu — e isso é impossível pelas regras da vida —, ele mostraria que, após a meia-noite, você tem apenas 24 horas restantes. Lamento...

Livy desabou em um choro compulsivo. Suas lágrimas escorriam em cascata sobre a pele alva. A verdade doía, e seus olhos orientais verteram feito a chuva que seguia intermitente lá fora. Para alguém que não aproveitara nada da vida, aquilo era uma catástrofe. Ed a abraçou, tentando reconfortá-la. Ela afundou o rosto em seu peito; seus braços finos e delicados não conseguiam fechar o abraço completo, mas suas unhas, como se quisessem puni-lo pela crueldade do destino, tentavam se cravar

como adagas em suas costas. Entre soluços abafados pela musculatura peitoral dele, saiu um apelo febril:

— Não pode fazer algo por mim? Me ajudar? Eu não quero morreeer!

O choro de Livy não era apenas um lamento pela morte, era o grito de uma alma que acabara de descobrir o paraíso e percebia que o portão estava se fechando antes mesmo de ela atravessar o umbral. Naquele instante, ela sentia o peso de cada dia de fome, de cada noite de frio nas ruas de Rochdale, tudo subitamente condensado em uma urgência insuportável. Era como se o seu sangue, agora ciente da brevidade, corresse mais rápido, queimando as veias em um último protesto contra o vazio. O peito de Ed era o seu único porto, mas também o altar onde ela via o sacrifício de seu amanhã. Suas unhas cravadas nele eram o símbolo de quem se afoga e tenta se segurar na única rocha que parece sólida em um oceano de esquecimento.

14 - NASCE UMA ESPERANÇA

O soluço de Livy era de cortar o coração. Ela, tão jovem e linda... Mas era o seu destino, e Ed sabia, com a frieza de quem já viu impérios caírem, que não deveria interferir. Mexer na linha temporal é como puxar um fio solto em um castelo de cartas: você acredita estar apenas removendo uma imperfeição, mas o atrito pode fazer tudo ruir, colapsando eventos a quilômetros de distância, com efeitos em meses, anos ou décadas após, quando um casamento desfeito por consequência disso, impede nascimentos ou transforma heróis em tiranos em um futuro que ainda nem respirou. Salvar uma alma anônima, sem laços ou rastros na história, pode parecer inofensivo — um ruído branco no vácuo do tempo — contudo, o vácuo não existe para a causalidade; cada vida poupada ou tirada fora de ordem é um deslocamento de ar, uma nova variável que obriga o universo a recalcular sua rota. O preço de uma vida "insignificante" como a da pequena ladra de

Rochdale, pode ser o colapso de uma linhagem inteira séculos depois.

— Menina, não vejo como... Ops!... Espere aí garota!!! — Um lampejo genial estalou na mente do navegante temporal, como se um bloqueio preventivo houvesse se rompido sob a pressão daquele choro.

— Não há nada... exceto se!... Hummm!!! Talvez haja uma saída! Deixe-me calcular os riscos... Não posso cometer os erros do passado!

— Pode me ajudar??? Eu... eu faço qualquer coisa! — exclamou Livy, percebendo que seu salvador buscava soluções genuínas para arrancá-la de seu destino sombrio.

— *Shhhhhh!* Silêncio!!! Deixe-me pensar!... Sim... é, pode dar certo!... Mas é apenas uma possibilidade... Tenho que tentar!... mas... e se...? Hummm! Não!... acho que não!...

Ed andava em círculos, falando consigo mesmo em voz alta e gesticulando

enquanto ponderava as alternativas para evitar consequências catastróficas ao tocar na engrenagem do tempo. Ele ignorava completamente Livy, que permanecia ali sentada, calada para não romper o fio condutor do raciocínio dele. O risco maior não era apenas a morte dela, mas o custo que ele, Ed, teria que pagar e as cicatrizes que essa interferência deixaria no tecido do amanhã. Em vinte e quatro horas, ela poderia morrer a qualquer momento, possivelmente como bruxa, pois dificilmente guardaria para si a notícia de que estava marcada pela morte — e como culpá-la? Quem suportaria sozinho tal fardo?— Os julgamentos da Inquisição eram sumários e, com os ânimos exaltados pela guerra, queimar uma suposta bruxa era diversão garantida para entreter e acalmar o povo. Finalmente, ele parou diante dela:

— Existe uma chance remota de driblar o destino — disse ele, pegando o aparelho ressonador temporal das mãos dela.

— Deixe-me fazer uns ajustes... Pronto! Ele agora é um *scanner espectral*, um leitor que encontrará qualquer patologia em você.

Mesmo esperançada, a jovem temia o objeto estranho que agora vibrava nas mãos dele com uma nova intensidade.

— O que exatamente vai fazer com ele? Está fazendo uns ruídos esquisitos...

Ed a tranquilizou, oferecendo-lhe esperança, mas sem promessas vazias:

— É só uma teoria que acabei de criar, mas vale a pena tentar. Vou ser bem didático: se você tiver uma doença incubada que vá te matar em dois dias, nada poderei fazer; isso é um processo biológico inevitável. — Seu tom inicial foi sombrio, mas logo seus olhos brilharam com uma fagulha de desafio.

— Mas, se não houver nenhuma doença terminal em você, sua morte será violenta: um acidente, uma lâmina ou um disparo. Aí o jogo muda. É comigo. Posso

tentar intervir para evitar o golpe fatal, embora isso possa gerar uma reação em cadeia na malha do tempo.

As missões dele no passado nunca foram para impedir fatos, no máximo retardaram ou atenuaram efeitos... mas se der certo, conquistará o impossível. Livy sentiu um arrepio que não vinha do frio do estábulo. O destino agora tinha um rosto e uma voz, além um corpo esbelto, em pé bem ali na sua frente.

— Agora, deixe-me te escanear. Levante-se já e tire a manta. Fique pelada, por favor.

15 - BELEZA REVELADA

Livy nem o questionou; levantou-se e deixou a manta cair aos seus pés, revelando-se por inteiro sob a luz tênue da lareira. A timidez inicial parecia ter se dissipado no ar frio do estábulo. Seria a confiança crescente no homem à sua frente ou apenas o fato de que o medo da morte iminente era vastamente maior que o desconforto da

nudez? Ed, tentando manter a compostura e o profissionalismo diante de uma beleza tão singela, lutou contra seus próprios instintos enquanto o sensor processava os dados, mas não conseguiu silenciar por completo o seu lado humano:

— Que bom que está mais animada. Deixe o aparelho ler os dados... *Hummm...* Rosto delicado, traços asiáticos, nariz e boca característicos... Seios pequenos e firmes... corpo magro, barriga de tanquinho, sem pelos pubianos... tem certeza de que já tem dezoito anos mesmo? Pronto, frente escaneada. Agora, vire de costas!

— Engraçadinho! — ela murmurou em um tom divertido, enquanto a luz do fogo desenhava sombras suaves em suas costas nuas.

Ed passou o sensor do alto da cabeça aos pés e, ao abaixar-se para escanear as curvas das pernas, não resistiu ao comentário:

— *Humm...* Wow! Você tem um belo traseiro...!!!

— Pare de gracinha! Tire o olho, viu?
— ela retrucou, complementando com um sorriso que iluminava o rosto. — Mas... não sei por que, sinto-me tão à vontade com você!

Ed concordou em tom irônico:

— Tão à vontade que até parou de me chamar de “senhor”... “milorde”... Isso é ótimo, sinal de que estamos criando intimidade! Agora, preciso de uma gota do seu sangue. Coloque seu dedo neste orifício... Vai ser só uma picadinha... Isso! Menina corajosa... Pronto, já pode retirar o dedinho. Deixe-me dar um beijinho nele. Olha, nem está sangrando.

— E nem doeu! — respondeu Livy, animada com a súbita expectativa de uma sobrevida.

— Ótimo, terminou! Agora cruze os dedos e vamos esperar o resultado. Vista a manta e venha para debaixo da coberta

comigo; se ficar em pé assim, pelada na minha frente, não sei quanto mais conseguirei resistir... Eu devo estar ficando "mole", mesmo.

Livy vestiu-se e, encorajada pela fagulha de esperança, disparou:

— Independente do que aconteça, eu perco minha virgindade hoje, aqui!

Ela conseguiu deixá-lo corado. Um homem feito, com o corpo marcado por cicatrizes de batalhas reais, acabava de ser vencido por uma declaração inocente vinda de uma jovem donzela.

— Não sei se estou pronto para isso... mas e você, está pronta para ouvir a notícia?
— ele desconversou, tentando retomar as rédeas da situação.

Livy se encolheu em posição fetal, abraçando as pernas e cravando o rosto nos joelhos. A sentença de morte ela já conhecia; agora, esperava pelo milagre que a salvaria de seu destino cruel.

Naquela pequena concha humana que se formou na coberta sobre o feno, o mundo de Livy havia se reduzido ao som da respiração de Ed e ao zumbido eletrônico do aparelho. Por trás das pálpebras cerradas, uma tempestade de sentimentos a trespassava: o terror gelado de se tornar apenas cinzas em uma fogueira lutava contra a chama nova que ardia em sua mente. Ela se sentia no limiar de um abismo, mas, pela primeira vez, não estava sozinha na beirada; havia uma mão que a segurava com firmeza. Seria este o momento fatídico em que a menina que roubava para comer morreria, dando lugar à mulher que escolhia a quem se entregar?

O medo da foice da morte era real, mas a segurança que emanava daquele protetor invencível a fazia acreditar que ele poderia, de fato, segurar o braço do próprio destino por ela. Naquele silêncio antes da sentença, Livy não pedia apenas por anos de vida; pedia para que, naquelas últimas horas, ela pudesse finalmente saber o que era ser

amada antes de deixar de ser uma lembrança esquecida no tempo.

16 - A NOITE DO LOBISOMEM

Livy estende a mão em direção a Ed, um gesto de súplica desesperada. Ele a segura; sente que ela está gélida, como se a vida já estivesse se esvaindo por antecipação. Um sussurro trêmulo escapa de seus lábios:

— Não estou pronta! — A tensão era palpável, quase uma entidade onipresente ali dentro, representada pela figura do guerreiro que segurava o diagnóstico nas mãos. Seria a cura definitiva ou o veneno fatal?

— Mas diga logo! Deixe de suspense. Sem enrolação, por favor... — Ed, querendo aliviar a carga dramática que esmagava o peito da jovem, respondeu com um meio sorriso:

— Tirando uma colônia de parasitas na sua cabeça... está tudo certo com você!

— *Uhhhuuuu!*

Ela soltou um grito alto de alegria pura. Um cachorro moribundo latiu ao fundo, no quintal vizinho, reagindo assustado ao uivo dela na madrugada gelada. Livy tapou a boca rapidamente, lembrando que todos dormiam, menos eles. A chuva agora era apenas uma garoa fina, dando uma trégua e deixando apenas o ruído intermitente da água que ainda pingava dos telhados. Animada, ela se lançou sobre ele, agarrando seu braço:

— E agora? Quais são os próximos passos? Você disse que pode me ajudar a burlar a morte!

— Eu disse que havia uma chance remota. Agora que a metade irremediável foi vencida, as possibilidades de sucesso aumentaram. Vou te ajudar a... *Ei! Calma!*
— Ed sentiu o corpo dela sobre o seu.

— Se ficar assim em cima de mim, só com essa manta aberta e toda desprotegida, a "*cobra*" vai achar sozinha a entrada da toca...

— Mas é justamente isso que eu quero! Já passou da hora!!! — ela retrucou, confiante e ansiosa.

— Está nas suas mãos se eu vou ou não morrer; minha pureza a terra não há de comer. Eu não vou levar esse selo lacrado comigo!

— Tá certo...!!! Mas antes... vou emitir uma onda sonora de baixa frequência que eliminará esses parasitas de sua cabeça. Tudo bem? Agora, fique de costas para mim.

Ela obedeceu. Ed levantou-se e o aparelho zuniu um som inaudível para ouvidos humanos, mas a cachorrada nos arredores, sensível à frequência digital, latiu em uníssono. O efeito foi em cascata: até uivos de lobos foram ouvidos nas florestas nos arredores de Rochdale. Esse fenômeno seria registrado em gazetas e pasquins da época como “*A Noite do Lobisomem*”. O medo e o misticismo fizeram com que muitos jurassem ter visto vultos de uma criatura descomunal esgueirando-se pelos becos e saltando cercas com agilidade

sobrenatural. Tais relatos fariam até os mais corajosos se enfiarem sob os lençóis, virando assunto por meses. É assim que nascem as lendas.

— Prontinho! Estás livre dos piolhos. Agora posso te agarrar sem medo de que algum deles migre para a minha cabeça...

Ed não perdeu tempo. Aproveitando que ela estava de joelhos diante dele, despiu-se rapidamente e guiou a lâmina que batia firme em suas bochechas rosadas. O ambiente aqueceu-se pela adrenalina, transformando a carícia oral em uma celebração de agradecimento pela chance de viver. Percebendo que a falta de experiência a deixava passiva, ele logo transformou o ato em reciprocidade — uma aula prática que a fez se contorcer em delírios inimagináveis. A deitou no feno e o corpo dela respondia a sensações inéditas, levando-a ao clímax em um suspiro contido e ofegante. Seus mamilos endurecidos eram comprimidos por suas próprias mãos delicadas, com a cabeça arqueada para trás,

as costas em um arco de puro êxtase e suas pernas prenderam a cabeça do agente como se quisesse aprisioná-lo em uma “chave de coxa” eterna. O selo físico ainda estava intacto, mas a pureza da alma já havia sido quebrada pela descoberta do prazer. Vendo-a satisfeita, Ed sorriu e, sem deixar a energia baixar, subiu para consumir o ato final.

— Agora vem cá, sua danadinha... Vamos transformar você em mulher de verdade!

Naquele segundo de transição, enquanto o peso dele se acomodava entre suas pernas abertas, o mundo de Livy parou de girar. Ela não sentia mais frio, o estábulo desapareceu por encanto, nem ouvia os sapos coachando lá fora; havia ali apenas os olhos famintos do homem que havia transformado sua pena de morte em uma extensão de vida nova. O medo do "rompimento" era apenas uma sombra pálida diante da urgência de pertencer a ele. Livy sentia que aquele lacre era apenas o último véu que a prendia à sua existência

miserável nas ruas. Ao ser possuída pelo Ed, ela deixaria de ser a órfã invisível de Rochdale para se tornar a eleita — mesmo que fosse em um momento mágico e único — de um viajante temporal.

Ela fechou os olhos e abraçou o destino, pronta para trocar a dor da lâmina que a mataria pelo latejar doce e transformador daquele momento, sabendo que, a partir dali, seu sangue não seria mais um desperdício, mas um pacto selado com o homem que dobrou o tempo por ela, oferecendo esperança ao que o futuro ainda ousasse reservar.

17 - O LOBO ALFA E O LACRE ROMPIDO

O silêncio no estábulo tornou-se denso, carregado pelo perfume do feno seco e pelo calor da lareira que morria lentamente em brasas. Ed colou sua boca na dela; era a primeira vez que Livy experimentava tal sensação. O contato trouxe um calafrio que percorreu sua espinha e, simultaneamente,

um calor intenso, como se um vulcão em ebulição estivesse prestes a romper a montanha de gelo que era sua mente antes de conhecê-lo.

Ela o enlaçou com as pernas, prendendo-se na sua cintura. Ed girou, levando-a para cima de si, transformando-se em seu cavalo, ambos prontos para iniciarem uma cavalgada ritmada. Livy sentia o peito de Ed subir e descer — uma cadência que agora ditava o ritmo do seu próprio sangue. Ela era uma menina buscando a mulher que habitava em si, mas naquele instante, diante do viajante, ela era pura entrega; estava pronta para ser redefinida, reprogramada e possuída, escrava e senhora de seu novo e definitivo dono.

Ed sabia a preciosidade que tinha nas mãos; sentia em seus dedos a reverência de quem toca uma relíquia. A "*marca*" que ele estava prestes a imprimir nela não seria apenas física. Ao misturar seu DNA ao dela, Ed implantaria uma assinatura de alma, um

mapa que a guiaria — ou a assombraria — por toda a eternidade.

— Você tem certeza de que quer mesmo isso? — a voz dele, separada por milímetros da boca dela, era um sussurro que vibrava em seus ossos.

Livy não respondeu com palavras. Moveu seu corpo de pele alva, que nunca conhecera o calor de outro ser, um pouco mais para baixo. Quando o toque finalmente aconteceu, ela sentiu como se o universo inteiro estivesse se afunilando para aquele único ponto de contato. No momento da invasão, não houve apenas a ruptura de um lacre físico. Para Livy, foi como se um bloqueio maciço em sua consciência fosse derrubado. A sensação de ser preenchida, de ser "invadida" em suas próprias percepções, abriu um mundo novo. Foi o choque entre o gelo de sua vida invisível e o fogo da presença de Ed. Ela sentiu cada fibra de sua natureza ser reestruturada, reconhecida e, finalmente, reivindicada.

— “*É como se eu estivesse sendo reescrita*”, — pensou ela, enquanto tentava controlar a frequência daquela invasão, sem conseguir conter as lágrimas de um prazer desconhecido que teimavam em escorrer. Ser amada carnalmente pela primeira vez não era apenas sobre o corpo; era sobre a perda do "eu" abrindo espaço para a criação do "nós". A dor inicial foi breve, logo substituída por uma onda de calor que parecia vir do centro da terra — uma eletricidade que percorria sua coluna e explodia em cores vibrantes atrás de suas pálpebras cerradas.

Ed, ao percebê-la confortável, tomou as rédeas da ação, conduzindo-a com a maestria de quem conhece os segredos do tempo e a ternura de quem protege um cristal raro. Ele não era um homem comum; ele possuía a chave de acesso ao seu portal mais íntimo. E Livy, ao entregar seu único tesouro, descobriu que o ouro não estava naquilo que perdia, mas na imensidão que ganhava ao ser, finalmente, unida a ele.

A marca estava feita. Grudada na mente, na alma e na memória das células, reestruturando seu próprio código genético, que agora acatava a submissão ao conquistador. Ali, no chão de um estábulo esquecido, uma menina morreu para que uma mulher, plena e consciente de sua própria luminescência, pudesse nascer sob o olhar do seu protetor.

Ao fechar seus olhos orientais e deixar a cabeça pender sobre o colchão improvisado, Livy percebeu que ao sentar em seu colo na frente da taberna, o balanço do cavalo foi apenas um prelúdio do inevitável; agora, o ritmo era dele. Ela sentia a "*espada*" que antes apenas a cutucava reivindicar seu espaço, —não mais como uma inconveniência— mas como uma promessa consumada. Ser preenchida não foi apenas um ato carnal; foi como se estivessem dobrando o tecido metafísico do tempo, arrancando-a do lodo de 1798 e a redirecionando em uma nova trajetória. A dor física momentânea perdeu-se no êxtase

de finalmente pertencer a algo maior que a própria existência. Livy se agarrou aos ombros dele, sentindo os músculos do homem que a escolheu — desprezando as dez serviçais oferecidas pelo boticário — e permitiu que ele a mudasse para sempre.

18 - A VELHA ÉGUA

Cedo pela manhã, antes mesmo de o sol nascer e os primeiros galos ecoarem suas canções melancólicas ao longe, eles já estavam de pé. Dormiram pouco — na verdade, mal cochilaram, mantendo-se no aconchego um do outro —, mas Livy estava radiante. Ed decidira que a levaria consigo para protegê-la de qualquer perigo, uma tentativa de evitar que o pior acontecesse. Contudo, no tecido do tempo, existe um paradigma perigoso: *“Muitas vezes, tudo o que fazemos para evitar que algo aconteça é justamente o que o faz acontecer”*.

Ainda sob o manto do escuro, o boticário os aguardava de braços cruzados e um sorriso malicioso no rosto.

— Como passaram a noite? — perguntou, a curiosidade brilhando nos olhos voltados ao viajante.

Ed olhou para sua parceira, que timidamente fitava o chão, protegendo-se do frio com a manta dele sobre o vestido surrado — agora seco e limpo. Ele respondeu, comedido:

— Foi... cheia de descobertas inquietantes. Obrigado mais uma vez pela hospitalidade... e este mingau de milho está simplesmente divino!

O anfitrião assentiu, com as mãos para trás, observando o céu cinzento e o nevoeiro espesso que abraçava Rochdale.

— Ainda bem que parou de chover... e essa mocinha, comportou-se bem?

— Tão bem que vou levá-la comigo! — exclamou Ed.

Arqueando as sobrancelhas em espanto, o boticário soltou uma gargalhada:

— Olha! Mas que bela surpresa! “Para um cavalo cansado, nada como uma sela nova”! Hahahahaha!!!

Concordando com um sorriso, Ed foi direto ao ponto:

— E por falar nisso... vou precisar de um cavalo para ela. Poderia me vender um dos seus?

— Mas é claro! Vamos ver aqui... Acompanhem-me!

Ed e Livy o seguiram até a cocheira.

— Tenho esta velha égua que perdeu a função; deixou de parir e eu ia me livrar dela... Pode levá-la. É um presente e me fará um favor; ela me serviu bem, deu-me uma geração inteira de bons garanhões e seria um sacrilégio sacrificá-la.

— É muita gentileza sua. Onde posso adquirir uma sela?

— *Smith!* Venha cá! Procure no armário lá em cima aquela sela que era da

minha sobrinha... — Pouco depois, o serviçal trouxe uma sela branca.

— Exato! Essa mesma! Traga-a aqui. Está empoeirada, mas nada que um pano úmido não resolva. *Mary*, limpe-a! *Suélly*, acompanhe a jovem e ajude-a a escolher algumas roupas que minha sobrinha deixou. Ela tinha a mesma estrutura corporal, magrinha igual à sua acompanhante. Vamos melhorar o visual dela!

As duas serviçais se entreolharam com sorrisos cínicos. A que acompanhou Livy aproveitou a privacidade para tentar arrancar detalhes da noite, mas sem sucesso:

— E aí, garota... me fala! Você é “*tinhasa*”, hein? Fisgou um homão daqueles só pra você... podia ter nos chamado, ali tinha carne pra alegrar um harém! Vai! Fala logo, pequena... como deu conta dele sozinha? Misericórdia, quando vi tudo “*aquilo*” na minha frente quase não resisti e caí de boca... e você não pediu arrego?

Livy estava mortificada. O silêncio dela não era apenas timidez; era um escudo. Criada pela crueza das ruas, onde cada palavra dita era uma fraqueza exposta, ela não sabia como administrar a invasão daquela mulher. Para quem nunca tivera uma conversa real, ser o centro das atenções era um paradoxo sufocante: ela fora "*reprogramada*" pelo prazer de Ed, mas sua interface social ainda era um sistema fechado, um cofre que só ele possuía a chave. Ela escolheu o silêncio como quem protege um tesouro que as palavras daquela serva apenas profanaria. Seguiu calada, escolhendo trajes práticos para cavalgar: luvas, capa com capuz e botas de couro fino, ignorando os vestidos volumosos das damas da sociedade.

No estábulo, Ed colocava os arreios na velha égua. O animal estava em ótima forma física, apenas infértil pela idade. O cavaleiro aproximou-se e falou baixinho ao pé do ouvido do animal, acariciando seu focinho com a nobreza de quem reconhece um igual:

— Você merece um final digno, diferente de ser espetada por uma adaga no pescoço para sangrar até a morte... Conduza com delicadeza minha donzela, que lhe garanto um pasto verde para viver até o fim natural de sua vida. Vamos ter grandes aventuras antes desse dia chegar!

Ao fazer essa promessa à égua, Ed revelava a extensão de sua própria altivez. Para um viajante do tempo, a vida — seja ela humana ou animal — não era medida pela utilidade presente, mas pela dignidade da jornada. Ao garantir o pasto à montaria "inútil", ele afirmava seu caráter nobre: EdiNuñez não descartava o que lhe era fiel. Sua palavra era o seu vínculo, e o animal, em sua inteligência irracional, pareceu entender o peso daquele pacto, endireitando a postura como se ganhasse um novo vigor sob os arreios e a sela, sua nova armadura.

19 - CONEXÃO FRANCESA

Quando Livy surgiu diante de Ed trajando suas novas vestes de amazona, ela

metaforicamente brilhava como um raio de sol rompendo a névoa da madrugada. A calça de couro negro, perfeitamente ajustada às suas pernas finas, terminava em botas de cano alto que lhe conferiam uma postura firme, quase militar. Sobre o tronco, um corpete estruturado de couro escuro, com amarrações frontais e detalhes em metal envelhecido, realçava sua cintura e a firmeza de seus seios, enquanto ombreiras discretas davam um ar de autoridade ao seu porte franzino. Uma capa pesada, de um cinza profundo, envolvia seus ombros, culminando em um capuz generoso que ora escondia, ora revelava seu rosto de traços exóticos. Ela não era mais a pedinte maltrapilha; era uma guerreira das sombras, uma visão de elegância rústica que parecia ter saído de uma lenda épica.

Os olhos de Ed a consumiam. Como uma simples mudança de vestimenta é capaz de alterar até a alma de uma pessoa? Ele desviou o olhar com esforço, dirigindo-se ao

generoso senhor da medicina. Estendeu a mão, apertando-a em uma despedida firme:

— O senhor é uma pessoa muito boa, amigo boticário, digno do posto que ocupa. Levarei ótimas referências suas e as boas lembranças de minha estada em sua estalagem. Mesmo sendo um celeiro, serviu com perfeição aos meus objetivos.

— Faço ideia de que deve ter aproveitado muito mesmo — o homem insistia na ironia.

— Sou grato pelos medicamentos que trouxe como disfarce — respondeu o anfitrião, mudando subitamente sua postura. Ele baixou o tom de voz e conduziu Ed alguns passos para longe dos serviçais e de Livy, garantindo que ninguém os ouvisse.

— É muito difícil encontrar mensageiros de confiança nestes tempos sombrios. Espero revê-lo em breve, quem sabe para brindar à “*Lua dos Treze*” ou ao dia em que a “*Águia*” romper os pilares para guiar a nação a um novo tempo.

Ed fora alertado de que isso poderia acontecer. A senha política estava lançada; o boticário era um simpatizante — ou agente — da causa napoleônica em solo britânico. Ele respondeu no mesmo tom, firme e comedido:

— *Vive l'Empereur! Vive!... Vive!*

— *Bon voyage!*

Retornaram para perto de Livy e dos demais. As jovens a ajudavam a subir no estribo. Livy jamais possuía um cavalo; quando criança, cavalgava em potros que acompanhavam as caravanas ciganas ou viajava dentro de carroças. A despedida do boticário foi uma ovação à sua metamorfose:

— Parabéns, amigo! Tem bom gosto. A mocinha, depois que a sujeira saiu, mostrou-se magnífica. E, pela cara de felicidade dela, a noite foi boa mesmo...!!! Hahahaha! — E complementou:

— As roupas de minha sobrinha ficaram perfeitas nela. Com a capa e o

capuz, ela parece outra pessoa. Está altiva, imponente... uma elegância que não existia na menina triste que chegou ontem.

— Não tenho como agradecer tudo o que fez por nós — Ed sorriu, sentindo o peso da nova jornada.

— E a noite... sim, foi maravilhosa, meu caro boticário! Foi boa até demais.

Ed não precisava dizer mais nada. A mudança não fora apenas visual; fora uma transmutação química. A pureza morreu no feno para que a mulher nascesse na sela.

— *À la voyeur!* — despediu-se o boticário com um aceno e um sorriso que não chegou aos olhos enquanto eles cruzavam o portão e ganhavam a rua, colocando os cavalos em trote em direção à estrada para Manchester. Ed ficou analisando aquelas palavras finais: “*Estamos te observando?*” “*Fique atento?*” Não deve ser nada. Finalizou seus pensamentos.

20 - A INSACIÁVEL SEDE DA MORTE

A cavalgada era suave, e o vazio das ruas traduzia o desinteresse dos residentes em abandonar o calor de suas cobertas. Ao lado de Ed, Livy refletia sobre sua recém-adquirida metamorfose: as mãos, agora envoltas em elegantes luvas de couro negro, seguravam as rédeas da égua dócil com uma firmeza que ela desconhecia possuir. Sob a túnica, camadas grossas de tecido a protegiam do frio, e o capuz da capa ocultava os cabelos castanhos com mechas cor de ouro — um brilho que fora impossível notar enquanto a sujeira das ruas era sua única camuflagem.

Eles finalmente tomaram a direção da via que levava à saída de Rochdale. Contudo, ao se aproximarem do portão, um grupo de homens emergiu das sombras; vultos sombrios que se postaram para barrar a passagem. Ed, de imediato, orientou sua parceira:

— Fique um pouco atrás de mim. Verei o que querem — ordenou com

autoridade, posicionando-se como um escudo vivo.

Livy sussurrou, em um tom elevado o suficiente para que ele ouvisse:

— É o Juiz de Paz, Ed... e aquele homem asqueroso da taberna.

O valentão corpulento esbravejou, apontando um dedo trêmulo em direção ao casal:

— É ela, *Mister Justice*! Prenda essa ratazana! Foi ela quem me roubou na cantina e me fez passar vergonha diante de meus amigos. Deve ser punida com a morte na forca!

Ed parou o cavalo, avaliando friamente a situação. Naqueles vilarejos, a função policial era exercida por um *Justice of the Peace* juramentado, auxiliado por *parish constables*. Ainda faltavam cerca de duas décadas para a instalação do sistema policial moderno no Reino Unido. Eram três homens da lei, apoiados pelo sujeito gordo e seus três capangas. Ed sentiu o peso

metafísico do momento: era o destino de Livy tentando escrever uma nova variante para o seu fim trágico.

“A morte é como água que escorre; ao encontrar um obstáculo, ela se desvia, infiltra-se, contorna, mas sempre encontra um meio de seguir em frente para alcançar seu objetivo”, filosofou ele em silêncio.

O homem ordenou que um de seus capangas a arrancasse da sela. Quando o primeiro passo foi dado, a voz de Ed cortou o nevoeiro, impositiva e gélida:

— Alto lá! Pare aí mesmo! Ninguém vai sequer tocar nela!

Ele interpôs seu cavalo entre os agressores e Livy, segurando firme o arreio do focinho da égua para que o animal não se assustasse. Era a barreira absoluta. Ninguém chegaria a ela sem passar por ele — um Alfa que não permitiria que a água do destino encontrasse qualquer fenda para se infiltrar.

O juiz, um homem experiente que já vira de tudo, analisou o cavaleiro à sua

frente. A conduta firme era peculiar; a situação exigiria perícia. Sua avaliação rápida constatou que não estava diante de um simples mensageiro, mas de alguém indisposto a entregar sua carga — fosse ela uma encomenda ou uma protegida. Via um guerreiro pronto, um exímio espadachim com a confiança no ápice. Sem querer testar essa teoria em uma luta sangrenta, dirigiu-se a Ed de forma firme:

— Mensageiro, não temos nada contra você. Pode seguir seu caminho, mas a mocinha ladra pagará pelos seus crimes! Garanto a ela um julgamento justo.

— Julgamento justo? — Ed rebateu, irredutível. — Ela já foi condenada por esses homens ao seu lado. Isso me parece mais uma execução sumária e injusta.

Livy seguia cabisbaixa, o rosto oculto pela sombra do capuz, mas atenta ao homem que a defendia. Para ela, Ed era mais que um porto seguro; era uma fortaleza, a única barreira entre seu corpo e a foice que teimava em persegui-la. O oficial insistiu,

visivelmente aborrecido por ter sido arrancado da cama:

— Eu sou a lei neste condado. Insisto que parta sem ela ou poderá ser detido para dar explicações à justiça de Sua Majestade, o Rei George III. Ela precisa ser punida para servir de exemplo aos ladrões que infestam as vielas. Não há como contornar isso com palavras.

A intimidação era clara, mas o homem corpulento, impaciente, virou-se para o juiz e vociferou:

— O que está esperando? Jogue-a no chão e deixe que eu mesmo enforco essa pirralha! Ela ficará pendurada aqui no portão como um aviso!

O gordão, encontrando coragem na hesitação do oficial, forçou seu cavalo na direção de Livy. Com a mão esquerda, Ed sacou sua espada apenas um palmo da bainha. O brilho do aço cintilou na penumbra, e seus olhos fixos no agressor

fizeram o homem gelar, freando o animal bruscamente:

— Não ouse se aproximar dela ou perderá, literalmente, a sua cabeça! Afaste-se! Volte! Para trás... Já!

O homem travou o ímpeto e recuou ante a ordem imperativa. Ed voltou sua atenção ao oficial, buscando uma saída:

— Milorde, seja compreensivo. Peço que releve... — o tom de voz dele agora era mais suave, não submisso, só respeitoso.

— Faço um acordo: eu a levarei para longe e devolveremos a bolsa com as moedas. Deixe-nos passar. Ela agora está sob minha proteção.

Ed pegou das mãos de Livy a pequena bolsa e a atirou em uma poça de lama, aos pés do cavalo do opressor. O juiz, contudo, não recuou, apegando-se a um argumento frágil que o Ed de imediato, leu seu verdadeiro significado nas entrelinhas.

— Essa é a prova material do furto. Não posso permitir que *apenas* esse gesto

resolva a situação. Ela roubou e tem que pagar!

O juiz estava sinalizando: o "passaporte" da liberdade de Livy custaria o exato peso das moedas que agora jaziam na lama — ou talvez um pouco mais.

21 - A EMBOSCADA

Ed deixou a propina como último recurso antes do uso de violência, caso todas as tentativas diplomáticas falhassem. Ele jogou uma nova cartada, usando a lógica do próprio sistema contra o oficial:

— Até posso considerar seu argumento — disse Ed, com o olhar gélido.

— A bolsa prova o furto, é verdade, mas e esse homem, ele também não vai ser responsabilizado por seus atos?

— Do que está falando? — indagou o homem da lei, sem nada entender. Ed logo esclareceu:

— Acuso esse homem de “*common assault*”... Lá na taverna ele violou o

“*outraging public decency*” quando tentava forçar, na frente de todos, manter conjunção carnal com esta jovem, a beijava e a segurava contra sua vontade! Sou testemunha ocular idônea.

O gordo exasperou-se, tentando fazê-lo calar-se, mas Ed seguiu com as acusações:

— Ele também não deveria ser punido por isso? Se ele tem coragem para acusar alguém de crime, tem peito para enfrentar o “*pillory*” pelo seu ato de “*Lewdness*”?

— Ele mente, senhor juiz! — gritava o comerciante, tentando manter a máscara de bom samaritano. Ed seguiu na sua tese:

— Ela foi atacada, teve uma oportunidade e fugiu, levando a bolsa de moedas como prêmio pelo abuso! Sugiro resolvermos aqui e agora! Mas se não houver acordo e um crime não exonerar o outro, ambos devem ir a julgamento público! Assim haverá justiça!

Ed sabia que o comerciante não desejaria que isso chegasse ao conhecimento público geral. Seu negócio próspero seria abalado com esse escândalo.

— Faça ele se calar!!! Sou um homem honrado e respeitador, tenho família, pago meus impostos à Coroa, tenho um nome a zelar! Não aceito essa calúnia... Prenda esse mentiroso também, senhor juiz!

— Você não me dá ordens!

Finalmente o delegado explodiu em fúria contra o comerciante inescrupuloso, cuja fama de desonestidade e grosseria era bem conhecida no meio policial. O gordão se beneficiava de ser abastado, pagava propina aos agentes do Estado e contribuía generosamente na congregação Anglicana local, tentando apagar seus pecados diante de Deus e aliviar sua consciência, comprando falsa respeitabilidade pública.

— Junte sua bolsa da lama e considere-se feliz! Todos nos guetos sabem dos abusos que comete com sua própria

família. Seu nome é mais sujo que as patas de seu cavalo... Suma daqui com seus capangas! A jovem está indo embora; é menos uma ladra nas ruas. Meu trabalho encerra aqui. Deixe-a em paz, qualquer atitude a partir de agora é de sua inteira responsabilidade!

Dirigindo sua atenção ao cavaleiro com um aceno sutil:

— Forasteiro, Leve-a embora e nunca mais a traga aqui, pelo bem dela... Vão!!!

Ed nem pensou duas vezes.

— Obrigado “*honored sir*”. É uma pessoa sensata! Vamos Livy, temos uma longa estrada pela frente...

Partiram rápido dali, sob os protestos do gordo e o olhar de desagravo do oficial, desaparecendo na penumbra do quase amanhecer.

— Isso não ficará assim!!!... Ouviu, forasteiro?! — Eram os gritos ao vento de um fanfarrão que fervia de raiva, enquanto

um de seus capangas lhe devolvia a bolsa de moedas, encharcada e suja.

Ed e sua parceira rapidamente se afastavam do portão, desaparecendo na penumbra. Ele virou-se para ela:

— Vamos manter esse trote, nos afastar o mais longe possível. Isso ainda não acabou...

— Acha que o gordo asqueroso vai voltar? — Livy perguntou, receosa.

— Ah! Claro que vai! É um homem orgulhoso e arrogante. Para ele foi muita humilhação e vai querer fazer justiça com as próprias mãos.

O dia raiou havia uma hora e o casal seguia em um trote contínuo, até ouvirem o barulho de cascos a galope logo atrás. Era o homem “pançudo” e mais cinco cavaleiros — dois eram capangas pessoais dele e três foram contratados às pressas, mercenários de uma gangue perigosa, armados com espadas longas, e um deles tinha uma

arcobalestra letal. Ed orientou Livy a ficar tranquila:

— Não se preocupe, eles querem você como prêmio e nada farão antes de me eliminar, mas isso não vai acontecer!

Pararam e aguardaram. Ela novamente ficou atrás dele. A sensação de proteção que Ed transmitia era algo que ela jamais sentiu na vida.

— Parem aí mesmo, se têm amor às suas vidas! — gritou Ed, a mão fechada no punho da espada. O tom de sua voz tinha um peso metálico que parecia cortar o ar.

— Voltem agora!!! A estrada termina aqui para vocês, só encontrarão morte e desespero se seguirem nesse caminho!

O gordo não se intimidou, ancorado nos homens que contratou a peso de ouro para lavar sua falsa honra.

22 - TABULEIRO SANGRENTO

— Você é apenas um contra meus cinco homens bem treinados na arte de

matar sem piedade. Será muito divertido ver sua carne virar comida de chacais — zombou o pançudo, a voz saindo como um sibilo entre os dentes amarelados. Seus olhos pequenos, incrustados em dobras de gordura, brilharam com uma luxúria doentia ao fitarem a garota.

— E quanto a você menina atrevida, vou me deliciar entrando no “couro” macio entre suas pernas.

Ele continuou vociferando de forma lasciva, balançando o corpo sobre a sela, se vangloriando para seus homens, enquanto cantava uma vitória antecipada que parecia certa em sua mente deturpada:

— Vejam que beldade, homens!!! Estou de olho nessa "delícia" já faz tempos, e agora que ela está limpa e bem trajada, vejo que é muito bonita, vai valer cada moeda gasta em sua captura e vou me esbaldar antes de estrangulá-la com minhas próprias mãos ainda enquanto a possuo.

Um dos mercenários, com um sorriso cínico que revelava a falta de alguns dentes, questionou se ela não seria um prêmio melhor mantendo-a viva para a diversão de todo o grupo. O comerciante respondeu, convencido de sua onipotência:

— Bem pensado! Será um desperdício mesmo... Quem sabe eu fique com ela como minha escrava meretriz, mas... melhor não! Deixar ela viva pode me causar problemas.

Então como um juiz proferindo uma sentença:

— Faremos assim: Após me saciar nela, decidirei seu destino, mas deixarei que vocês todos entrem nela também. Isso será um prêmio extra pela morte desse forasteiro intrometido.

E finalizou com uma arrogância gélida:

— Cuidem para ela não sobreviver aos “carinhos” de vocês cinco, o que sobrar dela será banquete para corvos. Agora chega de

conversa, peguem ele e me tragam sua cabeça

Ao comando, quatro mercenários desceram das selas. O som metálico das lâminas sendo desembainhadas ecoou pela estrada deserta como um presságio fúnebre, cortando o nevoeiro da manhã. Eles sorriam, provocavam e lançavam xingamentos de baixo calão, uma tática barata para tentar desestabilizar o adversário solitário. Enquanto isso, o quinto homem permanecia montado, municiando com virotes a sua “besta”, manteria o dedo no gatilho na espera do momento certo para disparar, caso a luta de espadas se alongasse ou ele precisasse intervir para selar o destino do estrangeiro.

Ed passou as rédeas para as mãos trêmulas da apreensiva Livy, e para acalmá-la, deu uma “piscadela” para ela, recebendo de volta um sussurro que o parou no tempo:

— “Tome cuidado amor”.

Amor... aquelas quatro letras atingiram o núcleo do viajante com uma força avassaladora. O som daquelas palavras deram ao Ed um ânimo muito maior e mais intenso do que qualquer injeção de adrenalina sintética faria em suas veias. Ele não estava mais apenas cumprindo uma missão de rotina ou protegendo um ativo histórico; ele estava agora, sem ainda conceber, defendendo o seu próprio coração.

Ed saltou pesadamente para a grama úmida da margem da estrada. As espadas cruzadas e embainhadas em suas costas crepitaram com o som seco da morte que espreita. Em um movimento fluido e coreografado, ele retirou a terceira lâmina, a da bainha da cintura, e cravou sua ponta no solo lodoso, deixando-a como uma cruz improvisada. Ajoelhou-se brevemente sobre a perna esquerda, tocou a testa no alto do cabo de metal frio, sem jamais desviar os olhos dos inimigos, e proferiu uma oração silenciosa e rápida — um ritual de perdão e súplica. Não pedia por sua própria vida, mas

pelas almas imundas que ele estava prestes a despachar para o inferno.

Levantou-se devagar, assumindo uma postura de defesa absoluta que exalava uma geometria letal. Com as pernas afastadas e levemente arqueadas para garantir o equilíbrio, segurava a longa espada na mão direita, com a lâmina apoiada no cotovelo do braço esquerdo, que estava dobrado em direção ao peito. Ele sabia que a prioridade máxima daqueles vermes era matá-lo; a violação da garota viria depois. Ed era o único obstáculo, uma barreira de carne e aço a ser varrida do caminho. Enquanto o cercavam, os mercenários riam, lançando maldições e obscenidades sobre o que fariam com Livy após sua queda. Mal sabiam que estavam diante da morte personificada, do vazio absoluto que precede o limbo.

Quando o primeiro adversário partiu para cima com um grito gutural, erguendo a espada sobre a própria cabeça como se fosse golpear um tronco inerte — um erro amador

que nem contra javalis se comete —, Ed apenas confirmou sua suspeita: aqueles homens eram exímios em intimidar camponeses, mas patéticos diante de um guerreiro forjado em conflitos transdimensionais. Ed era o frio absoluto, um estrategista que via o campo de batalha como um tabuleiro de xadrez sangrento. Ele anteciparia cada jogada, derrubando as peças, uma a uma.

Em um movimento súbito e explosivo, Ed deu um passo à frente e girou sobre os calcanhares. Sua túnica acompanhou o movimento, criando um rastro escuro que conferia uma beleza letal à manobra. A lâmina fez um círculo completo no ar, cortando a resistência do vento e trespassando o abdômen desse primeiro oponente com tamanha força que projetou sangue e vísceras sobre o mercenário mais próximo à sua direita. Aproveitando o impulso ininterrupto do giro, ele não parou; a espada descreveu um arco perfeito e perfurou o coração desse segundo homem,

antes mesmo que o cérebro dele processasse o sabor do sangue espirrado em seu rosto.

Livy soltou um grito de alerta ao ver o terceiro se aproximar por trás, o mesmo movimento de quem vai cortar um galho que impede a passagem, mas Ed já havia calculado o fluxo do combate. A previsibilidade tática daqueles homens era sua maior fraqueza. Ele arrancou a lâmina do peito do quase cadáver a tempo de bloquear, em um movimento cego às suas costas, o golpe covarde do terceiro oponente. Segurando o impacto com a espada voltada para trás, ele girou o tronco subitamente e desferiu um chute brutal na lateral do joelho esquerdo do agressor. O osso do menisco se partiu com um estalo seco e pavoroso. O mercenário desabou gritando, mas seu lamento foi interrompido no instante em que sua cabeça se desprende do corpo em um golpe de misericórdia preciso.

Ed caiu de joelhos na frente do corpo decapitado, não por ter sido atingido, mas

por estratégia: sua mão mergulhou no coldre da bota, sacando a adaga oculta que arremessou com precisão cirúrgica na garganta do arqueiro. O homem, ainda sobre o cavalo, tentava mirar e estabilizar a besta para disparar dois virotes simultâneos, mas a lâmina de Ed encontrou seu alvo primeiro, selando sua traqueia antes que o dedo pudesse puxar o gatilho.

Naquele cenário de carnificina, a brutalidade do Ed não era fruto de maldade, mas de uma necessidade sagrada. Cada golpe desferido, cada osso partido e cada vida ceifada eram tributos pagos para garantir que a honra de Livy não fosse violada por seres tão vis. Para Ed, a letalidade não era uma escolha, era a única linguagem que aqueles seres irracionais entendiam. Ele agia como o ceifador necessário, limpando a estrada de tamanha podridão para que a pureza da mulher que ele protegia pudesse seguir sendo dela, para dar a alguém merecedor ou guardar consigo, afastada das mãos imundas do destino. O

tabuleiro estava sendo limpo, e o preço do "xeque-mate" era escrito em vermelho sobre a grama verde da estrada de Rochdale para Manchester.

23 - O COLOSSO CAIU

Qual o tempo necessário para desmoronar uma montanha de arrogância? Uma pergunta retórica respondida no segundo seguinte ao impacto abrupto da adaga no pescoço do arqueiro. O choque fez seu braço girar violentamente e, movido pelo reflexo súbito da dor excruciante na garganta que lhe roubou o fôlego e a vida, seu dedo apertou involuntariamente o gatilho da besta. Ambos os dardos de ferro dispararam com um estalo seco, alojando-se profundamente no ventre volumoso do atônito valentão que, segundos antes, bradava ordens em puro desespero.

Enquanto o arqueiro e o bonachão despencavam pesada e simultaneamente de seus cavalos— o gordo caiu sobre os virotes, entrando até o talo,— Ed virou sua

atenção para o último mercenário. O homem, com uma astúcia movida pelo puro instinto de preservação e um medo que lhe gelava a espinha, soltou a espada imediatamente. Ele percebeu que não tinha a mínima chance contra um guerreiro tão ágil, preparado e letal. Sob a ordem de se retirar e o ultimato de contar a verdade ao senhor da lei — sob pena de ser caçado até o inferno por Ed —, o sujeito montou em seu cavalo e fugiu em um galope desenfreado de volta ao vilarejo.

Agora imaginem toda essa cena de ação em câmera lenta, porém tudo aconteceu em menos de dez segundos.

Do alto de sua montaria, Livy assistia a tudo paralisada, o ar preso em seus pulmões como se o próprio tempo tivesse coagulado, em um lapso de sobrecarga sensorial de êxtase e pavor.

Ed caminhou até o bonachão. O homem gemia no chão, as mãos trêmulas e sujas de lama tentando segurar as setas de trinta centímetros cravadas até o limite em

seu lombo verminoso e ensanguentado. Pisando com força em sua virilha, esmagando o seu “brinquedinho murcho” sob a calça de pano caro, Ed fincou a espada na grama ao lado dele. Apoiou-se nela e abaixou o tronco sobre o moribundo para ouvi-lo melhor, o hálito de morte já se misturando ao nevoeiro.

— Então, "gordo seboso"... está satisfeito com o destino que sua arrogância e presunção lhe presenteou?

— Ai! Ai! Ai!.... Poupe-me! Ajude-me, nobre senhor! — implorou ele, a voz falhando e borbulhando com o sangue da hemorragia que subia à sua boca vindo do estômago perfurado.

— Eu... eu não tinha... não era minha intenção...

— O quê?!!! Não era sua intenção me matar? — Ed o interrompeu com um tom gélido que fez o homem soluçar.

— Não era sua intenção molestar aquela jovem ali???

— Não!... eu... eu cometi um erro!!! Eu não devia ter vindo... Milord... me arrependo de não ter lhe dado ouvidos... Sou muito rico, tenho posses... Posso lhe dar o que me pedir... Só me poupe! Por favor!...

Vendo que a jovem havia descido de seu cavalo e se aproximado com passos lentos, ele tentou uma última cartada desesperada:

— *My lady!*... Me acuda!... Eu lamento muito!... Juro que vou me comportar... Vou te recompensar... Olha aqui!!! Fi... Fique com as moedas, pegue tudo, mas convença seu amante a me poupar... Eu tenho filhos pra criaaaaar...

Seu choro era patético, uma sinfonia de covardia. Ed, com um sorriso gélido no rosto, dirigiu-se a Livy:

— E aí, Livy, o que acha? Você decide o destino dele — e fez o gesto tradicional de vida ou morte, o polegar voltado para cima e

dobrando para baixo que os imperadores romanos imortalizaram no Coliseu.

Livy o encarou com um desprezo que parecia vir de séculos de humilhação. Sua voz saiu cortante como uma navalha afiada:

— Agora você pensa em seus filhos? Ed... sem piedade!

Pedindo para ela se afastar um pouco, Ed dirigiu a palavra ao homem que, jogado na lama e despojado de toda a sua altivez, via seu castelo de areia desmoronar ante uma onda inesperada. Seus olhos estavam arregalados em súplicas por uma piedade que ele jamais demonstrou aos miseráveis que imploravam por migalhas à sua porta.

— Ouviu sua sentença, maldito? — Ed rosnou, a voz como um trovão baixo. Em seguida, entoou uma prece:

— *“Senhor, encaminho esta alma para seu lugar de exílio eterno”* — falou como um juiz proferindo a ordem ao carrasco.

— *“Estenda Sua mão misericordiosa à esposa dele, dando sabedoria e discernimento para que ela administre e faça prosperar o negócio da família sob suas rédeas. Amém!”*.

Ele abriu os olhos e seu semblante se fechou, sua voz tornou-se sombria, quase desprovida de humanidade:

— Agora vou fazer um grande favor à sua família lhe eliminando da vida deles!

— Não!... por favor!... Me poupe... Tenha piedade!... M-me perdoe! — o homem engasgava no próprio pavor, o esfíncter cedendo sob o peso da morte iminente.

— Eu não sou santo, muito menos Deus! — Ed retrucou, os olhos fixos no covarde.

— Se O encontrar antes de entrar no inferno, talvez Ele te perdoe... mas não eu!

Ed posicionou a ponta da espada sobre o coração do homem e jogou o peso do corpo, enterrando o aço fundo, sentindo a

resistência das costelas cedendo. Manteve o olhar firme, encarando as pupilas do vilão até que o brilho da vida se apagasse e o silêncio finalmente reinasse na estrada. Ele arrancou a lâmina com um som úmido e limpou o sangue na roupa do cadáver, agora nada mais que um fardo de carne despojado de toda a sua opulenta arrogância.

Livy sentia o cheiro metálico do sangue fresco e, acima de tudo, a visão daquela figura colossal que ela tanto temia e odiava sendo reduzida a um animal abatido por um homem que, momentos antes, lhe dava uma piscadela cúmplice. Isso a fazia ter sentimentos jamais experimentados. Era uma mistura ambígua e violenta de querer pular sobre ele e de sentir uma reverência quase religiosa. Ela via em Ed não apenas um possível amante ou um salvador inequívoco, mas uma divindade vingadora que ludibriava a morte para mantê-la viva. O medo do mundo exterior foi substituído por uma ternura interna selvagem por aquele "Lobo" que, por ela, transformou a estrada

em um abatedouro. Ela não entendia o que sentia, mas sabia que, se aquele homem pedisse seu coração em uma bandeja, ela o entregaria antes mesmo de ele desembainhar a espada.

24 – BATISMO NA ÁGUA

Ed percebeu em Livy, parada ao seu lado, uma vibração diferente. A respiração estava curta, as faces coradas sob a luz suave da manhã. Seria apenas a adrenalina residual do combate, ou um desejo selvagem despertado pela demonstração de poder absoluto? Ela teve nas mãos o fio que separava a vida da morte de um homem; um peso que muda o destino de sábios. Imaginem o que isso poderia causar em uma jovem que recém-descobrira como o calor e a pressão de um homem operam milagres no interior do seu próprio corpo.

Recuperando sua adaga da garganta do mercenário — que tinha o fenótipo e trajava o estilo exótico dos guerreiros árabes —, Ed limpou a lâmina e falou:

— Me perdoe por tanta brutalidade, menina — disse ele, guardando as armas com gestos precisos

— Mas tiranos merecem morrer desta forma.

— Ele teve o que mereceu, e foi pouco... foi uma morte rápida, até! Deveria ter sofrido mais!

A voz de Livy carregava a dureza de quem já testemunhou, nas ruelas escuras, o que homens cruéis fazem quando possuem ouro ou poder. Ed encerrou a conversa de forma prática, não dando espaço para sadismos:

— Não temos tempo a perder com torturas. *“O tempo é o bem mais precioso que existe e, uma vez perdido, jamais retorna”*— Mais uma vez ele filosofou.

Aquela viagem o estava inspirando além da conta; seria a presença dela, ou a consciência da finitude que os cercava?

— Tome de volta a bolsa de moedas do gordo, você fez por merecer. E pegue as

dos outros homens; guarde para mim. Eles foram bem pagos para nos eliminar, é justo que o prêmio agora seja nosso. Nenhum deles precisará de ouro onde estão agora.

O trabalho seguinte foi macabro, mas necessário. Após empurrar os corpos dos mercenários para que rolassem pela ravina até um despenhadeiro íngreme e inacessível, Ed precisou da ajuda de Livy para mover o "Colosso". O corpo pesadíssimo do comerciante teimava em grudar no lodo, transformando o ato sombrio em uma cena de humor involuntário. Entre risos de frustração e a euforia de cada centímetro conquistado, o corpanzil finalmente passou da beirada, rolando feito uma pedra rumo ao abismo.

Exausto pelo esforço, Ed tomou posse do cavalo do arqueiro para servir de apoio. Os demais animais foram aticados a voltar aos seus estábulos originais e o casal finalmente partiu em trote constante para Manchester. Precisavam recuperar o tempo perdido, mas o confronto servira para

provar, definitivamente, o valor de Ed. Para reduzir a eletricidade que ainda sibilava no ar, Ed puxou conversa:

— Vencemos o quarto desafio contra a morte!

— Quarto desafio? Como assim? De que desafio você está falando? — indagou Livy, franzindo a testa.

— Acompanhe meu raciocínio: Você está marcada para morrer até amanhã; jamais se esqueça disso! — Livy seguiu atenta, absorvendo a sabedoria dele como uma esponja.

— Estou conseguindo intervir, mas a morte é resiliente; ela contorna os obstáculos e busca novos meios de se concretizar— Ed continuou sua explanação lógica:

— Os dois primeiros desafios foram subjetivos: se eu não tivesse cruzado seu caminho, você teria roubado a bolsa e seria caçada, violada e morta. O seu destino mudou quando aceitei te levar comigo até o

boticário; foi ali que sua aura transmutou do roxo da morte para o azul-royal — uma cor ainda próxima do perigo, mas que te deu esperanças.

Ela assentiu, fascinada. Ele prosseguiu:

— Se você realmente estivesse dormindo ou não se revelasse após ouvir minha conversa no aparelho ressonador, eu não a traria. Na primeira hipótese, os capangas te pegariam na vila. Na segunda, você certamente contaria o que viu a alguém que te denunciaria, e sua morte seria na fogueira, sob a acusação de bruxaria.

— Nossa... isso faz sentido... Eu vi queimarem uma mulher certa vez... foi horrível... ela gritava tanto, coitada... Deus me livre desse destino!

Ed fez uma pausa, olhando-a fixamente. Não queria assustá-la, apenas alertá-la.

— A terceira intervenção foi quando o delegado tentou prendê-la para o

enforcamento. A quarta foi há pouco, nesta estrada. Entenda que precisamos de cautela extrema. A morte é muito mais persistente e astuta que qualquer vilão de carne e osso.

O restante da manhã seguiu calmo. Ao meio-dia, buscaram refúgio sob a copa densa das árvores, próximo a um córrego de águas claras. Enquanto Ed preparava o fogo, Livy o observava em silêncio. Sua vida dera um giro de 180 graus. Há vinte e quatro horas, ela era uma mendiga ladra; agora, sentia-se uma rainha protegida por um deus.

Ali, à beira do córrego, o desejo que começara a queimar na estrada finalmente transbordou. Lavaram a alma e o corpo nas águas geladas e, sobre a relva macia, entregaram-se um ao outro pela segunda vez.

Enquanto Ed a possuía com uma mistura de urgência e adoração, a mente de Livy era um turbilhão de sensações que ela não conseguia nomear. Ela não sentia apenas o prazer físico que a fazia arquear as costas, mas uma gratidão visceral que se

fundia ao desejo. Para ela, aquele ato era um selo de propriedade e, ao mesmo tempo, de liberdade. Ela olhava para os braços fortes dele e sentia a pressão das mesmas mãos que lhe acariciavam as curvas e, horas antes, manejavam o aço com uma letalidade divina. Havia uma segurança erótica em saber que aquele homem, capaz de dizimar cinco inimigos sem piedade, a tocava com uma ternura que a fazia se sentir uma peça de cristal.

— *"Ele me escolheu"* — ela pensava, enquanto enterrava as unhas nas costas dele.

— *"Entre dez mulheres, entre a morte e a vida, ele me escolheu"*.

Ela sentia que a vitalidade dele era como o azul-royal de sua aura: uma marca de proteção que a afastava do roxo agourento. Naquele momento, Livy não era apenas uma protegida; ela era uma devota. O prazer era o seu sacrifício, seu próprio corpo era o receptáculo da bênção, e o corpo de Ed, seu altar.

Ela desejava que aquele instante se eternizasse, pois sabia que, enquanto estivesse fundida a ele, a morte — por mais resiliente que fosse — teria que esperar sua vez de tentar se apossar de seu corpo, enfrentando o seu protetor que agora já possuía sua alma e sua devoção.

25 - MANCHESTER

O casal seguiu em frente sob um trote intermitente, cortando a paisagem que mudava conforme se aproximavam do coração industrial da região. Precisavam alcançar o próximo destino antes que a noite caísse por completo e as sombras se tornassem densas demais. Desta vez, Livy montava com uma nova postura o garanhão tomado do arqueiro, sentindo a força do animal sob suas coxas, enquanto Ed levava a arcobalestra e a aljava com os virotes como troféus de guerra presos à sela, símbolos de uma vitória que ainda ecoava no sangue. A égua mais velha agora servia apenas como

cargueira, seguindo o ritmo em um descanso merecido para sua idade avançada.

No caminho, já no meio da tarde, alcançaram uma caravana familiar que os fez reduzir o passo. Era um comboio de duas carroças, ambas cobertas por lonas gastas pelo tempo, cada uma puxada por dois cavalos que caminhavam lado a lado com lentidão, como se um desânimo os tivesse atingido. Ao ultrapassar o primeiro veículo, Ed deparou-se com um homem de semblante sofrido, cujas mãos calejadas controlavam os arreios.

Com um cumprimento rápido e respeitoso, Ed puxou conversa, mostrando-se amigável ao desconfiado condutor. Em um gesto de camaradagem, aceitou encher seus cantis com água, mas seu instinto foi além. Movido por uma compaixão genuína, ele cedeu o restante de seus mantimentos e entregou ao homem duas das bolsas de moedas retiradas dos mercenários mortos, fazendo-lhe apenas um pedido:

— Esconda isso no local mais secreto possível da carroça. São a garantia de um futuro digno para seus filhos, não podem cair em mãos erradas. — Ed mentia com a fluidez de quem dizia a verdade. Aquelas moedas não eram futuro digno. Eram passado criminoso. Provas de assassinato. Objetos fora do lugar numa linha temporal que já estava observando demais.

Os olhos espantados daquele homem combinaram com o sorriso de gratidão de sua esposa, de suas bocas saíram muitas glórias a Deus e bênçãos à bondade que ainda vive no coração de algumas pessoas.

Livy observava tudo em silêncio. Viu nos olhos daquela família — pai, mãe, uma filha adolescente e duas crianças pequenas — a memória do que fora sua própria tragédia familiar. O reflexo das consequências que tempos sombrios carregam atingiu seu âmago. Lembranças vagas de estar na estrada entre vilarejos pela Europa com sua mãe, vivendo entre ciganos,

vinham como *flashes* de imagens distorcidas sob uma espessa névoa em sua mente.

Muda o tempo, muda o lugar, mas o drama humano é cíclico: a desumanidade latente de pessoas de má índole e governantes que forjam guerras desnecessárias, indiferentes ao sofrimento que isso submeterá o seu povo apenas para alimentar seus egos. Aquela família era o que ela foi há pouco tempo: refugiados da vida, sobreviventes de guerra invisíveis, carregando apenas a dignidade e a fé como último suporte em busca de fronteiras mais seguras. Eles ficaram para trás, mas agora tinham nas mãos algo mais que esperança.

Já estava escuro na estrada quando as primeiras luzes das luminárias a óleo de Manchester surgiram no horizonte, cintilando como promessas distantes. Apressaram o passo e logo se aproximaram das primeiras casas da periferia. Foram direto para uma estalagem de boa aparência, com um estábulo robusto para garantir aos

cavalos uma alimentação de qualidade e acomodações apropriadas.

Após garantir um quarto com banheira, Ed, em um gesto de cuidado quase paternal que logo se transformaria em algo mais naquela cama macia, adquiriu na recepção, sais de aromáticos e preparou um banho de imersão para Livy. Era um luxo que ela apenas ouvira falar em sussurros nas ruelas de Rochdale, agora oferecido como um bálsamo necessário para relaxar seu corpo exaurido pela estrada. Com esses mimos e cuidados, Ed tecia a rede de segurança que garantia que ela se prendesse a ele em definitivo, não por obrigação, mas por uma dependência doce e absoluta.

Após um banho rápido, ele saiu para buscar provisões, trancando a porta por fora por segurança. A morte ainda a espreitava, apenas aguardando um descuido ou uma oportunidade para atacar. Trajando roupas comuns e casuais de linho para se misturar à multidão, Ed seguiu o movimento vibrante das ruas. Logo, o cheiro de gordura e

tempero misturado à fumaça de algo assando o conduziu a uma tenda popular em uma praça pulsante. O local fervilhava com música de baixa qualidade e uma dança animada, onde a carne, fosse de cervo, javali ou de gado, estava no ponto exato e prometia saciar a fome de ambos.

Três belas mulheres, de fala manhosa e olhares famintos por diversão e moedas, logo o cercaram, os elogios não eram falsos, Ed era um homem que se destacava dos demais, mas elas atacarem em grupo aumentava suas chances de o tornarem uma presa fácil. Ed, estrategista mesmo nos momentos de lazer, ignorou os apelos com um sorriso gentil, mas pagou de forma espontânea uma caneca de chope para cada uma delas. Sabia que uma rejeição bruta poderia fazê-las partir para o “Plano B”: fingir ofensa para atrair os cafetões e seus lacaios, iniciando um conflito desnecessário que chamaria a atenção dos *Watchmen* ou dos *Constables*, sempre atentos às confusões. Gastava as moedas recebidas do

boticário, o “à la voyer” foi um aviso ou era paranoia pura? Melhor pagar chope que perder a cabeça. E Aletheia não estava online pra limpar se desse merda.

Lembrou-se de comprar uma garrafa de vinho, ele tinha pressa e “*más*” intensões. Cada fibra de seu corpo ansiava pelo retorno. Sabia que, no calor daquele quarto reservado, uma jovem linda, cheirosa e transbordando gratidão o aguardava para uma noite de prazer real, longe da lama e do frio, entre o conforto das penas de ganso e o calor de lençóis limpos.

26 - O BANQUETE DAS ALMAS

Quando Ed girou a chave na porta do quarto ao retornar, o aroma da carne assada e das especiarias da festa de rua foi imediatamente atropelado pelo perfume inebriante dos sais de banho que emanava do corpo de Livy. Ela estava deitada de costas sobre a toalha estendida na colcha de retalhos; seus seios pequenos, em uma postura que desafiava o controle da

gravidade, fizeram a boca de Ed se entreabrir de imediato. Suas pernas estavam puxadas, com os calcanhares na dobra das nádegas, em conluio com as sombras impertinentes que ocultavam a visão direta às portas do paraíso. Com os joelhos apontados para o alto, criavam uma ponte ao prazer emoldurada pelas mãos delicadas em seu topo. Essa era uma visão divina!

Sua cabeça descansava no travesseiro macio, os cabelos espalhados como seda secando ao sol, enquanto a pele, ainda úmida e reluzente, desenhava curvas e silhuetas definidas sob a dança das chamas das velas. Não era apenas um convite; era uma provocação silenciosa, uma obra de arte viva que servia de colírio para os olhos famintos do agora paralisado guerreiro.

Ed pousou o embrulho de comida e o vinho sobre a mesa de madeira rústica. Seus olhos eram como planetas que circundam o sol, fixos em sua órbita celeste; sua respiração era nula. Estava rendido, enfeitiçado pela visão. Seus olhos, enfim,

saíram do corpo e encontraram os dela, e o silêncio que se seguiu foi carregado por uma tensão elétrica — ela era uma pimenta invisível que fazia o sangue arder.

— A carne vai esfriar — ela sussurrou, provocativa, com a voz rouca e os olhos fixos na silhueta imponente do homem que havia dobrado o destino por ela.

— Que esfrie — Ed respondeu, a voz vibrando como um trovão baixo.

— Tenho um banquete muito mais suculento na minha frente.

Ele não a tocou de imediato; despiu-se com a lentidão cerimonial de quem aprecia o ritual. Quando finalmente se uniram sobre o colchão macio, a carne assada sobre a mesa foi esquecida. A "carne crua", servida no altar daquela cama, exigia atenção e devoção absoluta. Ed a explorou com a ponta dos dedos como quem mapeia um território sagrado: percorreu cada vertente dos “vales”, sem desviar das curvas de “morros” e “montanhas”, mergulhando sem

a mínima pressa no canal de acesso ao seu paraíso. Ele parecia querer provar o sabor da própria existência através do êxtase dela.

O barulho começou em sussurros e gemidos contidos, mas logo escalou para a sinfonia inconfundível de virilhas se chocando e respirações ofegantes. Lembrar que a espessura das paredes era ínfima e que o mundo lá fora conspirava contra eles? Impossível! Cada suspiro de Livy, a voracidade de cada arfar pesado de Ed, pele contra pele e nas variações de posições, o cabelo servindo de arreio para domar a potranca à sua frente... nada importava. Nem mesmo o ranger rítmico da cama, que teimava em caminhar sobre o assoalho e continuamente se chocava contra a parede, reclamando do esforço sobre ela, foi capaz de pará-los. Estes eram os sons da liberdade de duas almas que, por um instante, haviam esquecido ou superado a própria Morte.

Livy sentia que o mundo, com todas as suas lâminas e perseguições, havia finalmente silenciado do outro lado daquela

porta trancada. No calor do quarto, o cheiro de Ed — uma mistura de suor, couro e promessa de proteção — era o único ar que seus pulmões aceitavam. Quando ele a possuiu sobre aquele colchão macio, a sensação de ser preenchida foi muito além da carne; era como se ele estivesse ocupando cada espaço vazio que a solidão das ruas havia cravado em sua alma. Cada avanço rítmico que fazia a cama protestar contra a parede era um lembrete ensurdecedor de que ela estava viva, de que não era mais um fantasma invisível em 1798, mas o centro do universo daquele guerreiro.

Sob o toque dele, ela se sentia expandir. Não havia vergonha no barulho inconfundível de seus corpos se chocando ou nos gemidos que escapavam sem filtro; para Livy, aquele estrépito era o som da sua alforria. Estar entre lençóis brancos e limpos, sentindo o peso bruto e ao mesmo tempo zeloso de Ed sobre si, trazia uma segurança erótica que ela jamais ousara

sonhar. Ele não apenas a habitava fisicamente; ele a ancorava no presente, expulsando as névoas de seu passado sombrio com o calor e a força de sua virilidade. Naquele banquete, ela não era apenas uma convidada, era o próprio prato principal; era a vida se reafirmando, celebrando o fato de que, entre quatro paredes e sob a guarda de seu "Lobo", a Morte não tinha permissão para entrar.

Se os vizinhos de quarto perderam o sono ou se sentiram estimulados ao mesmo ritual enquanto a base da estalagem tremia, pouco importava. Naquela noite, em Manchester, eles não eram apenas fugitivos ou viajantes; eram deuses em sua própria “anomalia temporal”, saciando uma fome que nenhuma iguaria terrena seria capaz de aplacar.

27 - O CÓDICE TÁRTARO

Cedo pela manhã, antes que o sol de Manchester conseguisse vencer a cortina de fuligem das chaminés, Ed preparou-se para

sua última missão em solo inglês. Esta era a escala mais perigosa, onde as linhas do tempo se estreitavam e o erro não era uma opção. Antes de partir, ele se aproximou de Livy. A seriedade em seu rosto não admitia dúvidas:

— Você não pode e nem deve, sob qualquer pretexto, sair deste quarto. Fique aqui dentro, descanse até o meu retorno, que será antes do meio-dia. A única exceção que justifique a sua saída será se a estalagem estiver em chamas. Fora essa improvável hipótese, a porta deve permanecer trancada por dentro.

Aquilo não era um pedido, era uma ordem. Embora, após ter sido abandonada nas ruas, Livy jamais tivesse dado ouvidos a ninguém a não ser a si mesma, ela sabia que sua vida dependia de obedecer àquele comando. Ed ensinou a ela uma "batida secreta", um código rítmico — três toques curtos, uma pausa deliberada e duas batidas secas — que seria o único sinal seguro de sua identidade.

Livy sentiu o frio do medo retornar ao perceber que ficaria novamente sozinha. Com a voz embargada, ela questionou:

— E se algo lhe acontecer? Se os homens da lei ou algum bandido lhe impedir de voltar? O que eu faço sozinha nesta cidade? O que será de mim?

A resposta de Ed foi seca, pragmática. Ele não podia prometer o que não controlava: Aquele era o dia fatal dela.

— Se eu não voltar até o meio-dia, use o dinheiro que deixei no forro da mala. Compre passagem no primeiro navio pra fora daqui. Vá para Lisboa, depois se esconda do mundo, esquece meu nome e mude o seu. Sobreviva. Se eu não voltar, foi porque morri.

Ed saiu antes que ela respondesse. Na rua, já movimentada pelo som de carroças e pelo burburinho dos operários, tomou uma charrete de aluguel. Seguiu em direção à zona portuária, onde os canais da cidade escondiam segredos sob a névoa industrial.

Antes de sair, ele havia ativado um rastreador passivo de baixa emissão na bolsa dela. Sem luz, sem som. Se a assinatura vital dela sofresse queda brusca, o Cronovítreo dele apitaria. Era o máximo que podia fazer sem violar a diretriz de não-intervenção direta. O resto era com ela. E com a sorte.

O local era um depósito de tecelagem abandonado, um esqueleto de tijolos escuros cercado por maquinários de caldeiras enferrujando ao relento. A hora definida para a entrega do manual aos espões franceses era às 11 horas. Chegando às 8 horas, Ed pretendia evitar o encontro e concluir a missão sem riscos.

Após uma vistoria de segurança, ele infiltrou-se de forma furtiva. Abriu um grande cadeado com um pulso do Ressonador em modo chave-mestra e, guiado pelo mapa tomado do mensageiro, identificou o alvo. Em uma ala térrea, encontrou a escadaria que descia para um porão úmido. Desceu cerca de 1,70 metro e

forçou uma pesada porta de ferro. A luz de uma claraboia estreita revelava um cemitério de objetos esquecidos: pilhas de madeira, galões de óleo e, sob panos mofados, uma antiga prensa tipográfica de Gutenberg. Quantos panfletos subversivos, capazes de derrubar impérios, teriam sido forjados ali?

Ed ativou o Modo Espectro do Cronovítreo. Não era luz. Era amplificação de fótons residuais direto na retina dele. Pra quem olhasse de fora, o porão continuava escuro.

Aquele era o ponto exato marcado com o "X". Ed buscava o Códice Cifrado — um aparato remanescente da tecnologia perdida da suposta “Velha Tartária”. Para os homens de 1798, era apenas um objeto curioso; para o General Corso, seria a arma tática definitiva. Ed retirou os rolos de entintagem da prensa e desparafusou uma placa oculta. Tateando com sua mão enluvada, encontrou o metal frio. Era a "Chave".

— Missão cumprida, agora devo sair daqui antes... Ops!... tem algo errado!

O silêncio do porão foi quebrado. Seu Cronovítreo pulsou um alerta tardio em sua retina:

— *“Presença hostil detectada! Interferência de chumbo nas paredes. Scan comprometido.”*

Ele não estava mais sozinho. No instante em que guardava o Códice em sua bolsa, três figuras vestidas com pesados casacos de viagem surgiram atrás dele pela porta aberta, cercando-o. Um estava armado com uma adaga, outro portava um blackjack e o terceiro apontava uma pistola de pederneira diretamente para suas costas. Eram os espiões franceses. Chegaram cedo demais até pra Aletheia prever. Seriam o Plano B de alguém, ou a enigmática frase “*À la voyeur*” do boticário agora tomava forma e rosto hostil?

28 - A TRINCA DE ESPIÕES

O encontro com o juiz de paz no portão de Rochdale e o confronto com os capangas do vilão gordo na estrada o haviam retardado. Ed deveria ter chegado com o sol às suas costas e com tempo para recuperar o código ainda no dia anterior, mas o destino tinha outros planos.

Salvar Livy virou a prioridade que justificava qualquer risco. Se ela fica pra trás, vira alvo. Sob tortura, até mudo fala. E ela sabia do futuro, se torna uma anomalia viva, uma ponta solta em um mundo que não dá ponto sem nó. Se eu abandono uma jovem que contaminei com conhecimento anacrônico, viro alvo da Galiometria. A lei é clara: sujou, limpa ou assume. Levá-la com ele era mais sensato que guerrear com o futuro. E bem mais barato que apagar Manchester inteira.

Ed sentiu os passos furtivos de alguém se aproximando em disparada; virou o corpo para o lado no milissegundo exato para se desviar de um golpe do *blackjack*

que buscava esmagar seu crânio. Eram espiões franceses, letais e coordenados.

— “*Le messenger anglais est arrivé avant nous !*” — gritou o líder, um espanto latente em seu sotaque, logo seguido de uma ordem que destilava ódio:

— “*Croyiez-vous que nous ignorions que vous étiez un espion ? La clé est à nous ! Et le manuel que vous avez volé à son propriétaire légitime ? Rendez-le-nous !*”

Ed não respondeu com palavras. Luta corpo a corpo era sua especialidade, uma ciência de quebrar costelas, dentes e queixos que ele executava com uma precisão quase artística. No entanto, o uso de adagas e armas de fogo nesses confrontos o irritava profundamente; eram ferramentas de covardes que não suportavam o peso do próprio punho.

Com um movimento fluido, desarmou o oponente que empunhava o *blackjack*. Uma joelhada certa no abdômen fez o

adversário perder o fôlego e o equilíbrio; na sequência, Ed desferiu uma cabeçada violenta e seca no nariz do homem. O estalo do osso se partindo foi seguido por uma torrente de sangue que banhou o rosto e a camisa do francês. Segurando o corpo atordado do inimigo e transformando-o em um escudo humano, ele se protegeu do impacto do tiro disparado pelo segundo espião.

Com agilidade felina, empurrou o "escudo" de cara amassada — e agora também baleado — contra o atirador, ganhando tempo para recuperar o *blackjack* caído. Arremessou-o como um projétil mortal. O objeto atingiu em cheio a têmpora do homem que ainda tentava recarregar a pistola. Ossos estalaram. Sangue, osso e pólvora se misturaram. Inconsciência imediata.

Restava apenas o líder. A luta contra ele foi rápida e brutal. Usando a agilidade superior de seu treinamento, Ed neutralizou a investida do punhal com o braço esquerdo

e, com um soco ascendente, seu punho direito deslocou o queixo do espião, arremessando-o contra a velha impressora. O som de carne e ossos se chocando contra as ferragens da máquina ecoou pelo porão úmido.

O perigo, porém, ainda respirava. O francês baleado e com o rosto deformado reuniu suas últimas forças. Em um ato desesperado de lealdade doentia por seu imperador, disparou sua própria pistola de tiro único em direção a Ed. A fumaça escura da pólvora misturou-se ao ar pesado no instante em que o projétil atingiu o cinto de Ed sob a capa. O chumbo colidiu contra o aço do aparelho ressonador temporal em um tilintar metálico e seco. O dispositivo ricocheteou o golpe, mas seu pulsar característico silenciou-se imediatamente. Sem olhar para trás, Ed saiu do depósito, trancando os espiões no submundo de Manchester e desaparecendo para a névoa da manhã.

Ed subia de volta os degraus com uma dúvida atroz: se aquele tiro não acertasse o ressonador, se alojaria em seu abdômen, uma bala pequena, mas com potencial de incapacitá-lo de empreender fuga e chegar de volta na estalagem, e dependendo da gravidade do local onde se alojou, poderia até matá-lo. O que seria pior? Ser baleado ou a iminência de ficar preso ao passado?

Com o ressonador silenciado, morrer seria o menor de seus problemas... O que acontece quando o homem que controla o tempo descobre que é escravo dele?

29 - ECO DO DESTINO

Já fora do porão, ainda dentro do depósito, sob a luz pálida da manhã de Manchester, Ed fez uma avaliação rápida e gélida dos danos. O projétil francês havia sido cirúrgico: um dos sensores luminosos, a parte frágil do dispositivo e que acionava o comunicador, estava estilhaçado, expondo uma rede neural caótica de fios e circuitos. Com o coração batendo no ritmo da

urgência, ele tentou conectar o fio rompido e realizar uma “ligação direta”.

— “*Aletheia... Responda, Aletheia! Está me ouvindo?*”

O silêncio que retornou como resposta foi de estática absoluta. O comunicador estava mudo. — “*Aletheia!!!*” — ele insistiu, mas apenas o ruído da cidade industrial respondeu, distante. Antes de guardar o dispositivo, percebeu que o Cronovítreo, ainda ativo em seu rosto funcionava. Estava tão focado na ação que não havia percebido isso, um detalhe que o tranquilizou de imediato, tirando um peso de seu peito.

Se o tiro tivesse sido fatal, o ressonador estava programado para ser ativado automaticamente, dez segundos após seu coração parar de bater no passado, levando-o com todo o seu aparato tecnológico de volta para o ponto de origem. Lá, ele seria ressuscitado e, após recuperado, poderia voltar para o exato momento antes do encontro fatal, criar um

desfecho diferente onde não fosse baleado e morto, retornando para o hotel como se nada tivesse acontecido na ótica da Livy, isso explicava a frase enigmática dita para ela quando afirmou que “nem a morte o impediria de voltar”.

O dano no aparelho não era crítico, mas poderia impedir o ajuste do salto temporal. Agora, ele não corria apenas contra o tempo, mas contra uma possível inércia do próprio destino. Precisava consertar o aparelho ou encontrar uma forma de ativá-lo manualmente antes da meia-noite.

O trajeto de volta foi povoado por sombras e dúvidas. Se os franceses anteciparam a abordagem, foi porque descobriram que ele não era o verdadeiro mensageiro e, assim, poderiam saber onde estava hospedado. O medo, um sentimento que ele raramente se permitia, o asfixiava: e se Livy estivesse morta...? Ou raptada para servir de moeda de troca? Seria a morte de volta à ativa após 24 horas se “*fingindo de*

morta”? Ed já havia tido acompanhantes em outras missões, mulheres aleatórias que serviam ao seu propósito, “tiravam-lhe o atraso” e seguiam caminho, porém, aquela jovem havia tocado sua alma de uma forma inexplicável. Ao chegar à porta, executou a sequência combinada: três batidas... pausa... duas batidas rápidas... silêncio.

— Querida!... Cheguei!... Livy, abra a porta!

Nada. O vácuo sonoro era um péssimo presságio. — “*Os franceses chegaram antes e a levaram*” — esse pensamento acelerou seu coração e paralisou a sua alma. Ele bateu novamente, com o desespero de quem teme o pior... Até que ouviu o clique reconfortante da chave. Livy apareceu com o rosto amassado pelo sono, se desculpando, bocejando e esfregando os olhos com uma preguiça adorável. Ele agora notava que aquela pequena jovem tinha ocupado um espaço imenso e inesperado em seu coração; deu-lhe uma preocupação que nunca sentiu ou sequer ousou se permitir ter.

— Não se desculpe... que bom que está bem! — Ed a envolveu em um abraço esmagador, ainda buscando entender o que era aquele sentimento que estava aflorando em seu peito. Ela se enlaçou totalmente nele; braços e pernas o prenderam. Ele buscou em sua boca um beijo profundo, enquanto entrava carregando-a, sentindo o calor da vida nela. Afrouxou o lacre bucal apenas para dizer:

— Que alívio! Deixe-me fechar a porta... e voltar pra esse beijo gostoso. Hmmmmm!

Ficaram assim por um tempo imensurável, até ela colocar novamente os pés descalços no chão, e Livy perguntar, ainda sonolenta:

— Deu tudo certo na tal missão? — Soltando-a aos poucos do abraço, ele assentiu.

— Missão cumprida. Vamos permanecer aqui até a meia-noite. Se

ficarmos quietos e fora de riscos, a morte não terá como lhe alcançar.

Ele omitiu a falha no aparelho e a luta contra os espões; não havia razão para sobrecarregá-la com a complexidade de estar vivendo séculos antes do seu tempo real.

— Eu vou adorar ficar só na cama...
— ela sorriu em tom malicioso, logo substituído por uma dúvida que nublou seu rosto. — Mas... e depois? O que será de mim?

— Vou levar você comigo. Você quer?
— Ele se surpreendeu com o que disse; saiu de forma tão natural que pareceu ser sua alma falando.

— Ir para o fu...! — antes que ela completasse a frase, Ed selou os lábios dela com a mão.

— Shhhhh! Não fale alto, as paredes são finas e podem “ter ouvidos”. Sim... quero te levar comigo para o meu tempo. — Falou soltando sua bolsa sobre a mesa,

novamente a encaixou em seu dorso e se deitou sobre ela na cama.

— Não vamos mais sair hoje, vamos ficar aqui, desse jeito... ou desse outro— virando-a bruscamente de bunda pra cima, ela deu um suspiro de um susto feliz. Enquanto ele falava no pé de seu ouvido:

— E não se preocupe com a fome: Eu já pedi na portaria pra trazerem nossa comida. A moça estranhou, disse que não fazem esse tipo de serviço, mas eu menti... afirmei que cidades maiores como Londres já têm esse serviço chamado de “delivery”... Putz!... Talvez eu tenha inventado o primeiro serviço de quarto do mundo... Fazer o quê, né? Alguém precisava começar!!!

— Não entendi foi nada do que você disse — ela riu, confusa. — Mas não me deu tempo de responder: é claro que eu quero! Vou com você até o fim do mundo.

— Meu amor... Esta talvez seja a única opção que pode não afetar o futuro!

Livy o olhou assustada por sobre seus ombros, mas logo os fechou sorrindo quando ele a fazia arrepiar com o carinho em seu pescoço. Nunca tinha ouvido esse substantivo sendo dirigido a ela. Ficou rubra e um calor invadiu seu corpo de imediato. Seria a palavra inédita, o carinho no pescoço ou aquele “volume” que comprimia seu bumbum sobre as peças de roupa?

Na cabecinha de vento de Livy, o mundo parecia ter dobrado sobre si mesmo. "Meu amor". As palavras ecoavam como o sino de uma catedral que ela nunca teve permissão de entrar. De seu ponto de vista, sentia que o chão do assoalho não era mais feito de madeira velha, mas de nuvens. Para alguém que passou a vida sendo um "nada", a ideia de ir para o "futuro" — um lugar que ela um dia na infância imaginou povoado por anjos e carruagens de fogo — não era tão assustador quanto a força daquela palavra. "Meu amor" agora era o seu passaporte temporal.

Ela não se importava se o futuro fosse o fim do mundo ou o paraíso; desde que o braço dele continuasse sendo o seu travesseiro, o tempo era apenas um detalhe. Livy sentia uma vertigem doce: o medo da morte, que a perseguia desde Rochdale, fora substituído pelo pavor de acordar e descobrir que Ed era apenas um sonho febril ou delírio causado pela fome. Isso fez ela se apertar mais contra ele, querendo novamente fundir sua pele à dele, independente onde fosse a “conexão”. Ela queria garantir que, quando o "salto" acontecesse, ela fosse parte integrante dele, uma estrutura indispensável, impossível de ser deixada para trás.

30 - SALTO PARA O FUTURO

Após o almoço servido no quarto, provavelmente o primeiro *delivery* da história, Ed estava deitado, sentindo o peso reconfortante da perna de Livy sobre as dele. Ele a observava com uma ternura que desafiava sua natureza lógica. Ele meditava sobre as possíveis consequências que a sua

intromissão no destino dela poderia acarretar ao futuro na linha temporal. Pesou e mediu, então deu um veredicto:

— Tenho uma teoria — sussurrou ele.
— Como nada mais tentou matá-la desde o combate na estrada ontem, acredito que a Morte aceitou o "Gordo" como seu substituto. Ele estava no lugar certo, na hora errada, e o equilíbrio foi mantido.

Embora não assimilasse toda aquela lógica, ela concordou:

— Acho justo! Os demônios terão muita carne e banha para se banquetear, enquanto eu quase nada tenho para oferecer. Seria esse o motivo do aceite?

Ed se divertiu com o sarcasmo dela e complementou:

— Pode ser.... Mas você tem algo que não te credencia ao inferno: embora fosse uma ladra, era por pura necessidade de sobrevivência, e manteve sua alma pura. E quanto à falta de carne e banha... você me

viu reclamar do que tenho “comido” desde que te conheci?

Ela enfiou o rosto em seu pescoço, tentando esconder o novo rubor, mas seu abraço entregava tudo. Ele complementou:

— Agora falando sério... você desapareceu da vista deste século ficando trancada aqui dentro e, após a meia-noite quando sairmos, esconda o rosto na balaclava e no capuz, não fale e nem mesmo encare a atendente na saída. Partiremos para o meu tempo. Lá, sua presença afetará apenas o meu presente e o futuro que ainda escreveremos juntos.

— Seguirei à risca o seu plano... mas e lá?... Como será? — Livy perguntou, em um misto de curiosidade e medo do desconhecido.

— Iremos para o meu refúgio, uma fazenda chamada Rancho Nevado. É um recanto lindo no continente que vocês conhecem como Novo Mundo, do outro lado do mar, distante do caos e de tudo mais

que não vai precisar conhecer por enquanto, um lugar onde os cavalos viverão livres de arreios e soltos no campo, perfeito para você se adaptar aos poucos.

— V... você vai levar até os... cavalos? — Livy ergueu a cabeça, os olhos arregalados de surpresa.

— É claro que sim, vai até o “cavalo do bandido”. Prometi à sua éguinha um campo verde onde ela pudesse envelhecer em paz, e nada como ter a companhia de seus iguais. Eu cumpro minhas promessas, até mesmo as feitas aos "irracionais"— E finalizou em um tom sombrio:

— Livy, o mundo lá está irreconhecível, mas a natureza não mudou tanto em quase trezentos anos.

A comida bateu pesado e, junto aos “exercícios” complementares após seu retorno da missão, o que a deixou exausta pela intensidade das últimas horas, ela desta vez caiu em um sono profundo. Ed tinha a tarde livre e aproveitou o silêncio para

examinar o aparelho. A blindagem era preparada para resistir a múltiplos impactos e situações adversas sem danificar seu núcleo funcional. Apenas o comunicador foi atingido e estava mudo, mas o reator molecular que permite o salto estava intacto e operacional, alimentando o fio condutor entre o passado e o futuro através do rastro quântico na linha temporal.

A meia-noite chegou com o peso de uma era findando. Ao saírem para o *checkout*, foi inevitável não perceber o riso cínico da recepcionista, denunciando que os ruídos característicos vindos do quarto que ocupavam haviam sido notados e ecoaram por toda a estalagem. Ela parecia até aliviada ao vê-los partir; finalmente o silêncio retornaria àquelas paredes. Ela foi recompensada pelo transtorno com um *shilling* soberano de ouro.

O ar fresco do início da madrugada o recepcionou como um abraço gélido, o vento esvoaçava suas vestes enquanto recebiam suas montarias das mãos do

tratador responsável pelo estábulo que foi regamente recompensado. Ed ajudou Livy a subir em seu garanhão negro e altivo, similar ao que ele “herdou” do seu antigo dono, uma montaria que impunha respeito. Ele mapeou o entorno ao colocar os pés fora do estabelecimento; ainda havia riscos para ambos. Os espões, embora estivessem teoricamente fora de combate, poderiam ter recebido reforço para tentar recuperar o artefato tirado de seu controle, e Livy ainda poderia estar com a sombra da morte em seu encalço.

Com cautela extrema chegaram na estrada, as luzes de Manchester tornando-se apenas brasas no horizonte. Ed a puxou para junto de si, colocando-a em seu colo; a fez passar as pernas pelo pescoço do animal para ficar na mesma posição erótica em que ela ficou na primeira vez que tiveram contato físico. Ele a abraçou e beijou sua face com uma promessa silenciosa:

— Vamos ver até onde esta nova vida nos levará. Meu nome é Edinelson Corderö

Nuñez. Sou um navegante, não dos mares, mas do tempo. E você, Livy Emanuelle, em breve vai confirmar que não importa aonde a maré do tempo nos empurre, estarei lá, junto a você.

Após marcar todas as células carboníferas, o protocolo de assepsia quântica fez a varredura padrão, Ed pediu à Livy para fechar bem seus olhos. Os três outros passageiros já tinham seus olhos cobertos por panos para a luz cintilante não afetassem suas vistas e os assustassem. Então, ele acionou o Ressonador Temporal.

Um invólucro de partículas do vento lumínico os envolveu por completo, distorcendo a realidade ao redor. Em um piscar de olhos, eles desaparecem, deixando para trás apenas a lama da estrada e o eco da história.

FIM DO VOLUME UM

VEJA NA PRÓXIMA EDIÇÃO:

No Volume Dois, o tempo se dobra novamente enquanto Livy se adapta ao novo mundo em 2075. Ao retornar da Inglaterra de 1798, o agente EdiNuñez trouxe consigo muito mais do que o Decodificador Tártaro — um artefato cobiçado por Napoleão para potencializar a instauração de seu império global. Ele também resgatou Livy Emanuelle, uma jovem ladra cujo destino cruel seria perecer anonimamente na lama de um beco escuro em Rochdale.

Livy inicia sua jornada de adaptação ao futuro distópico que se instalou em 2075, onde ela tem que conviver com utensílios modernos e andróides falantes, enquanto percebe que sua vida evoluiu para um tempo sem liberdade, onde o real é abstrato e a verdade está sendo ocultada no tempo e no espaço.

Mas a vida não espera, segue seu rumo em seu ritmo, e o destino dela começa a ser delineado com traços mais suaves durante a missão seguinte na linha temporal,

na qual conheceremos a realidade do seu salvador EdiNuñez, um agente temporal que saltará para uma nova missão no passado da gélida e fustigante Dinamarca de 1918, no fim da Grande Guerra.

Porém, após uma anomalia no deslocamento temporal tê-lo deixado na fronteira do lado alemão, ele é obrigado a transpor os limites territoriais para cumprir sua missão e, sob disfarces e conspirações, infiltrar-se e cruzar as ilhas que formam a instigante geografia do país escandinavo, navegando pelo que resta de uma Europa que se estraçalha nos estertores da guerra enquanto em 2075, Aletheia caça o sinal perdido de seu agente. Com o tempo exíguo de uma semana se esgotando, sua falha seria capaz de mudar o destino do mundo.

Sem comunicação, sem protocolo, só com uma certeza: se Edi falhou, ela terá que queimar a linha temporal inteira pra consertar.

Isso é pano de fundo corriqueiro em sua rotina. Para o agente, o perigo não reside apenas nas baionetas dos soldados e nos espiões do Kaiser em cada esquina; nos hóspedes em hotéis de luxo ou no silêncio das ruas de Copenhague, tudo esconde uma tempestade iminente anunciando o fim—ou não— do conflito.

Entre a lama das estradas de cascalho e banquetes suntuosos onde a elite ignora o sofrimento da plebe, o agente move-se como uma sombra necessária em um mundo de incertezas, tudo para resgatar algo muito mais antigo e letal: um artefato viking envolto em mistérios e obscuridade, cujo poder nas mãos erradas poderia rasgar o véu da neutralidade dinamarquesa e reescrever o destino da nação com sangue. A missão é um relógio de areia prestes a findar.

Com o artefato na posse de um nobre local cuja lealdade pode ser tão fluida quanto as águas do Báltico, o agente temporal desafia o implacável reino nórdico, atravessando os estreitos que rasgam a

geografia — o Lillebælt e o Storebælt — em uma corrida contra agentes alemães que não hesitarão em transformar o solo neutro em um campo de extermínio.

Das névoas das Terras de Fyn às planícies gélidas da Sjælland, entre cigarretes de belas mulheres nórdicas, trocas de tiros e o olhar indiferente dos moinhos de vento, o ápice dessa aventura não é desvendar o mistério que há na imagem da luta eterna entre Odin e Loki — mas garantir que o amanhã ainda pertença aos homens, onde o agente EdiNuñez precisará primeiro sobreviver ao ontem, enfrentando o tempo e o destino com a frieza de quem sabe que, no tabuleiro da história, uma única peça movida com erro pode apagar todo o futuro.



Illicit

Imagem gerada por IA

Imagem gerada por IA